

UNIVERSIDADE DE LISBOA
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO



CRECHE A RECICLAR: RELATÓRIO DE ESTÁGIO NUMA CRECHE E NUM
JARDIM DE INFÂNCIA

Ana Patrícia Martins Damas

MESTRADO EM EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO
Área de especialidade em Desenvolvimento Social e Cultural

Relatório de Estágio Orientado pela Professora Doutora Paula Guimarães

2017

Agradecimentos

Para a realização do meu estágio, e de todo o meu percurso acadêmico, existem pessoas e instituições às quais tenho de agradecer profundamente por terem sido ajudas e contribuições fundamentais para a realização de todo o meu trajeto até ao final do meu curso.

Agradeço, por isso:

Aos meus pais pela ajuda e pelo apoio que me deram ao longo de cinco anos, por sempre me terem incentivado a ir mais além. Ao meu irmão que sempre esteve a ajudar-me quando precisei, nem que fosse para me dar sinónimos de palavras para os trabalhos não ficarem repetitivos. E aos meus avós que, com mais ou menos entusiasmo, me apoiaram nesta fase dos meus estudos.

A vocês, o meu mais profundo obrigada.

Agradeço à minha melhor amiga Rita por, ao longo destes quatro anos que nos conhecemos, ter sido uma ajuda preciosa em todas as etapas da faculdade. Ela está longe, mas esteve bem presente sempre que precisei de um conselho ou de uma simples piada para me fazer rir. Obrigada por seres minha amiga. Adoro-te.

Agradeço às minhas colegas de curso por, ao longo de cinco anos, terem feito com que desse o melhor de mim para alcançar o melhor. E o meu muito obrigada à Ana Nobre por, nesta última etapa, ter sido uma grande ajuda para tirar dúvidas sobre o relatório.

Agradeço, ainda, aos membros da direção da Creche & Aparece, por toda a disponibilidade para comigo e por me terem proporcionado o estágio que considero ser a melhor parte do meu mestrado. À educadora e à auxiliar da Sala Vermelha da Creche & Aparece, o meu profundo obrigada por todos os ensinamentos e momentos partilhados.

Por fim, e não menos importante, o meu profundo agradecimento à Professora Doutora Paula Guimarães, pela sua orientação ao longo da elaboração deste relatório e de todo o estágio. A sua motivação e o acompanhamento que me deu, foram essenciais para concluir esta etapa.

Resumo

Este relatório de estágio pretende apresentar o trabalho realizado na Sala Vermelha de uma creche e do jardim de infância, ao longo de oito meses. O leitor poderá encontrar este trabalho dividido em duas partes que considere serem as fundamentais do estágio que realizei.

Numa primeira parte dedicarei espaço à fundamentação teórica. Procurei dividi-la em: temas associados ao modelo pedagógico utilizado na sala onde estive a estagiar (o Movimento da Escola Moderna e a Metodologia de Projeto); e temas associados ao projeto que desenvolvi nesta instituição (o desenvolvimento sustentável e a reciclagem). Posto isto, a primeira parte do presente relatório considero-a a parte teórica do meu trabalho, onde me centrei em conhecer em profundidade as diferentes temáticas abordadas. Conhecer os princípios do modelo pedagógico, as várias etapas do processo de trabalho de projeto, as implicações do desenvolvimento sustentável para o currículo ou como se processa a reciclagem, tornou-se imperativo para o desenvolvimento do meu estágio.

Numa segunda parte, aquela que considero mais prática, o leitor irá encontrar a descrição detalhada do local de estágio e a descrição dos acontecimentos que decorreram ao longo de oito meses. Ficará, assim, a conhecer as práticas da Sala Vermelha não só orientadas pela educadora, como pelas crianças e, finalmente, aquelas que levei a cabo dentro do projeto que concebi.

Para terminar, este relatório conta ainda com uma reflexão alusiva aos anos que estive na faculdade e ao estágio em si.

Palavras-chave: Movimento da Escola Moderna, Desenvolvimento Sustentável, Reciclagem, Projeto, Cooperação.

Abstract

This internship assignment allows me to present the work I have done in the Red Class of a kindergarten, in the eight months of my internship. The reader will find this work divided in two different parts.

In the first part, I dedicate the space to the theoretical fundamentation and it is divided in: themes associated with the pedagogical model used in the class where I've been doing my internship (Modern School Movement and Project Methodology); and in themes associated with the project I developed in the institution (Sustainable Development and Recycling). After that, the first part of the present report I considered the theoretical part of my internship, where the focus was in knowing deeply the different themes. Knowing the principles of the pedagogical model, the different steps of the process of the work in projects, the implications of the sustainable development for the curriculum or how recycling is done.

In the second part, the one I considerer more practical, the reader will find the detailed description of the place where did the intership took place and the description of the events that occurred in the eight months there. The reader will know the pratices of the Red Class not only orientated by the kindergarten teacher, but also by the kids and, finally, the ones that I carried out within the project that I created.

To finish, this report includes, yet, with a reflexion about the years of studying at the University and of the internship.

Keywords: Modern School Movement; Sustainable Development, Recycling; Project; Cooperation.

Índice Geral

Agradecimentos.....	ii
Resumo.....	iii
Abstract	iv
Índice de Figuras	vi
Índice de Imagens	vi
Índice de Gráficos	vii
Índice de Tabelas.....	vii
Índice de Quadros	vii
Índice de Siglas	viii
Índices de Anexos (disponíveis para consulta no CD- ROM anexado na contracapa deste trabalho)	viii
 Introdução	 1
 PARTE I - Enquadramento Teórico.....	 2
Capítulo I – O Movimento da Escola Moderna	3
1.1 A inovação pedagógica: comunicação, democracia e cooperação	3
1.2 Organização do espaço, tempo e instrumentos de pilotagem.....	8
1.3 Avaliação: a importância do Conselho de Turma	15
1.4 O Movimento da Escola Moderna na Sala Vermelha	16
Capítulo II – Metodologia de Projeto.....	20
2.1 Definição: o significado do trabalho cooperativo	20
2.2 Etapas do trabalho de projeto.....	22
2.3 O trabalho de projeto com crianças	24
Capítulo III – Desenvolvimento Sustentável.....	26
3.1 Definição: o pensamento tendo em conta as gerações vindouras.....	26
3.2 Educação para a sustentabilidade: o papel da educação.....	30
3.3 Implicações para o currículo escolar	33
Capítulo IV – Reciclagem	36
4.1 O que é a reciclagem?	36
4.2 Quais são os benefícios da reciclagem?	37
4.3 Como se recicla?	38
 PARTE II - O projeto “Creche a Reciclar”	 41

Capítulo V - A Creche & Aparece	42
5.1 O que é a Creche & Aparece?	42
5.1.1 Quais são as valências da instituição?.....	44
5.1.2 Como se caracterizam as instalações?.....	45
5.2. Como se caracteriza a população escolar da Creche & Aparece?.....	47
5.3. Como é a Sala Vermelha da Creche & Aparece?.....	48
5.4 Quais são as rotinas?	51
Capítulo VI – Fases do Estágio	54
6. Descrição de acontecimentos	54
7. Projeto - Creche a Reciclar.....	73
7.1. As Atividades	73
7.1.1. Vamos todos Reciclar!	73
7.1.2. Recolhe tampas e ajuda!.....	75
7.1.3. Profissões recicladas	76
7.1.4. Máscara-reciclagem	77
7.1.5. Reciclem connosco!	79
7.1.6. Vamos fazer os nossos instrumentos musicais!.....	80
7.1.7. Fichas de Reciclagem.....	81
7.1.8. Visita a Ecopontos.....	85
Reflexões sobre as Aprendizagens Desenvolvidas	86
Considerações Finais.....	89
Referências Bibliográficas	91
Anexos	

Índice de Figuras

Figura 1 – Planta do Rés-do-Chão da Creche & Aparece	46
Figura 2 – Planta do primeiro andar da Creche & Aparece	47
Figura 3 – Planta Sala Vermelha da Creche & Aparece	49

Índice de Imagens

Imagem 1 – Mapa de presenças na Sala Vermelha da Creche & Aparece	11
---	----

Imagem 2 – Mapa o Tempo na Sala Vermelha da Creche & Aparece	11
Imagem 3 – Calendário na Sala Vermelha da Creche & Aparece	12
Imagem 4 – Marcação de dias da semana na Sala Vermelha da Creche & Aparece-....	12
Imagem 5 – Plano de Atividades na Sala Vermelha da Creche & Aparece	13
Imagem 6 – Diário de Grupo na Sala Vermelha da Creche & Aparece	14
Imagem 7 – As dimensões e interações do Desenvolvimento Sustentável	28
Imagem 8 – Agenda Semanal na Sala Vermelha da Creche & Aparece	52
Imagem 9 – Trabalhos do São Martinho	62
Imagem 10 – Fatos de Carnaval das crianças da Sala Vermelha	67
Imagem 11 – Trabalho sobre o projeto das borboletas	69
Imagem 12 – Resultado Final dos Ecopontos	70
Imagem 13 – Exposição de trabalhos do Dia da Mãe	72

Índice de Gráficos

Gráfico 1 - Crianças na Sala Vermelha da Creche & Aparece	50
---	----

Índice de Tabelas

Tabela 1 – Percentagem de resíduos urbanos recolhidos seletivamente e percentagem de resíduos urbanos reciclados	39
Tabela 2 – Crianças inscritas na Creche & Aparece	48
Tabela 3 – Atividade extracurriculares da Sala Vermelha na Creche & Aparece	51
Tabela 4 – Cronograma de Estágio	55
Tabela 5 – Vamos todos Reciclar!	73
Tabela 6 – Recolhe tampas e ajuda!	75
Tabela 7 – Profissões recicladas	76
Tabela 8 – Máscara-reciclagem	78
Tabela 9 – Reciclem connosco!	79
Tabela 10 – Vamos fazer os nossos instrumentos musicais!	80
Tabela 11 – Fichas de reciclagem	81
Tabela 12 – Visita a Ecopontos	85

Índice de Quadros

Quadro 1 – Valências da Creche & Aparece	44
--	----

Índice de Siglas

ETR – Estação de Tratamento de Resíduos

FIL – Feira Internacional de Lisboa

ME – Ministério da Educação

MEM – Movimento da Escola Moderna

OCEPE - Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar

ONG – Organizações Não-Governamentais

ONGA – Organização Não-Governamental Ambiental

ONU – Organização das Nações Unidas

QUERCUS – Associação Nacional de Conservação da Natureza

RA – Resíduos Ambientais

RH – Resíduos Hospitalares

RSU – Resíduos Sólidos Urbanos

RTP – Rádio e Televisão de Portugal

VALORSUL - Valorização e Tratamento de Resíduos Sólidos das Regiões de Lisboa e Oeste

Índices de Anexos (disponíveis para consulta no CD- ROM anexado na contracapa deste trabalho)

Anexo I – Notas de Campo

Anexo II – Guião de Entrevista

Anexo III – Entrevista à Educadora

Anexo IV – Grelha de Análise de Entrevista

Introdução

Este trabalho surge no âmbito do estágio curricular do Mestrado em Educação e Formação, com especialização em Desenvolvimento Social e Cultural do Instituto de Educação da Universidade de Lisboa. No âmbito deste estágio fui integrada na equipa da Sala Vermelha, da Creche & Aparece (uma creche e um jardim de infância de Lisboa), desde o dia 19 de setembro de 2016 até ao dia 31 de maio de 2017. Durante este tempo de estágio, cumpro o horário de 2ª a 5ª feira das 10h às 16h, fazendo 20 horas semanais.

Escolhi trabalhar com esta instituição por se tratar de um jardim-de-infância e estar em contato com crianças durante o período em que estive a estagiar. Por querer, no futuro, trabalhar com crianças, tornou-se bastante claro onde é que gostaria de estagiar. Assim, a minha integração neste grupo de trabalho ajudou-me na concretização de alguns objetivos pessoais que tracei para este estágio: a) conhecer a realidade de uma sala de jardim-de-infância que trabalha com o Movimento da Escola Moderna; b) compreender os objetivos da instituição ao trabalhar com este modelo pedagógico; c) criar e planificar projetos educativos segundo este modelo.

O presente relatório encontra-se dividido em duas partes, sendo que a primeira está constituída por quatro capítulos e a segunda parte por dois capítulos. Na primeira parte dedico-me ao enquadramento teórico, apresentando os capítulos relativos ao Movimento da Escola Moderna, o capítulo da metodologia de projeto, o capítulo do desenvolvimento sustentável e o capítulo da reciclagem. Com esta primeira parte, pretendo apresentar os mais variados pontos teóricos que considere serem importantes para cada temática.

Na segunda parte, dedico o primeiro capítulo à apresentação do local de estágio onde estive a estagiar, caracterizando não só a instituição em si como dedicando um dos pontos do capítulo à apresentação da Sala Vermelha onde estive inserida. No segundo capítulo, início a exposição do projeto que pretendo desenvolver, incluindo as atividades que o compõem e os objetivos que tracei para cada uma delas.

PARTE I - Enquadramento Teórico

Nesta primeira parte do meu relatório faço o levantamento das questões temáticas que estão associadas ao meu estágio. Encontram-se divididas por quatro capítulos, sendo o primeiro dedicado ao Movimento da Escola Moderna – MEM -, uma vez que é o modelo pedagógico adotado pela instituição onde estagiei; o segundo capítulo aborda a temática da metodologia de projeto, que me pareceu pertinente uma vez que o modelo do MEM coloca sempre as crianças a pensarem em projetos; o terceiro capítulo aborda a temática do desenvolvimento sustentável e está associado ao tema central do meu projeto; e o quarto capítulo está dedicado à reciclagem. Estes dois últimos capítulos surgiram como o aprofundamento dos meus conhecimentos sobre o tema, para conseguir aplicar as atividades do meu projeto.

Capítulo I – O Movimento da Escola Moderna

Neste capítulo o leitor poderá encontrar um texto dividido em quatro grandes questões, nomeadamente o que entende pelo MEM, qual a sua inovação pedagógica relativamente ao modelo tradicional de ensino; como se organiza o espaço e o tempo numa sala e, ainda, quais são os instrumentos de pilotagem utilizados para uso diário/semanal na sala; como é feita a avaliação e a importância do Conselho de Turma; e aspetos mais relevantes do MEM na Sala Vermelha da Creche & Aparece.

Ao longo deste capítulo, e no decorrer deste trabalho, para recolher dados foram utilizadas diferentes metodologias. A primeira incluiu observações participantes das quais resultaram as notas de campo (Anexo I). Para Estrela (1984), entende-se por observação participante quando o observador interage, de certo modo, com aquilo que é observado.

Uma outra estratégia de recolha de dados, contemplou uma entrevista semi-diretiva à educadora da Sala Vermelha. Com estas entrevistas procurei uma recolha de informação mais adequada de forma a delimitar representações, valores e normas veiculadas pela inquirida referida (Albarelo, 1997)

Com este capítulo, pretendo explicar o que se entende pelo MEM fazendo, também, uma análise daquilo que foi a minha experiência e da realidade observada durante o meu estágio.

1.1 A inovação pedagógica: comunicação, democracia e cooperação

O MEM surge no século XX como uma via alternativa às práticas escolares existentes na época. Tendo por base a pedagogia de Celestin Freinet, em 1966, o MEM em Portugal surge através da fusão de três práticas já desenvolvidas na altura (Leandro, 2008). Essas práticas incluíam aquelas promovidas por Sérgio Niza, que pretendia concretizar o projeto da educação cívica; as de Rosalina Gomes de Almeida, que introduziu “uma prática pedagógica baseada nos princípios e técnicas de cooperação e expressão livre de Freinet” (Leandro, 2008, pág. 1); e, ainda, as de Rui Grácio que organizava cursos de aperfeiçoamento profissional para professores.

É a partir da constituição deste grupo de trabalho que, seguindo as experiências de Freinet, surge o MEM em Portugal. Em 1974 dá-se a constituição de uma associação que,

assim, estabeleceu os seus sete princípios que, de acordo com o site do MEM¹, assentam sobre as seguintes ideias:

- Os meios pedagógicos veiculam, em si, os fins democráticos da educação;
- A atividade escolar desenvolve-se no âmbito de um contrato social e educativo;
- A prática democrática da organização partilhada por todos institui-se num conselho de cooperação educativa;
- Os processos de trabalho escolar reproduzem os processos sociais autênticos;
- A informação partilha-se através de circuitos sistemáticos de comunicação;
- As práticas escolares dão sentido social imediato às aprendizagens dos alunos;
- Os alunos intervêm ou interpelam o meio social e integram na aula “atores” comunitários como fonte de conhecimento.

Num modelo como o MEM, tem-se em vista a instituição educativa como um espaço de transmissão de ideologias e práticas referentes à cooperação e à democracia (Leandro, 2008). Assim, o Movimento da Escola Moderna assenta em três princípios pedagógicos: a comunicação, a cooperação e a democracia. No portal oficial do MEM afirma-se que estes três pilares devem estar presentes em determinados pontos do quotidiano de uma sala onde o MEM esteja a ser implementado. A cooperação deverá existir entre alunos e professores já que, ao existir essa cooperação, o sucesso do aluno irá contribuir para o sucesso do conjunto e, trabalhando em grupo ou em pares, rompe-se com a visão tradicionalista da educação. Ao serem estabelecidos circuitos de comunicação, estes atribuem um novo significado às trocas culturais e sociais, garantindo-lhes uma nova forma de aprender, uma vez que todos têm contato a novas fontes de informação que cada elemento do grupo dispõe. Por fim, o princípio da democracia está associado às questões da gestão do espaço, tempo e a tudo o que à organização da turma diz respeito, considerando-se as atitudes, valores e competências

¹ Informação disponível em: <http://www.movimentoescolamoderna.pt/associacao/estrutura-organizativa/>

sociais e éticas de cada participante nas tomadas de decisão (Movimento da Escola Moderna, s/d).

Folque, defende que, assim, consegue-se “permitir que professores e alunos tenham o poder de tomar decisões e de instituir as regras do grupo, através de um processo de cooperação e de permanente reinstituição” (2014, pág. 51), o que inclui os problemas do grupo, da comunidade em que estão inseridos e da sociedade.

Assume-se, ainda, que um dos principais aspetos do MEM, está associado ao papel que se poderá dar às crianças na medida em que estas podem, e devem partilhar algumas tarefas com os professores, nas mais diversas ações diárias na sala de aula, quer seja planear atividades e projetos, avaliar ou ensinar (Folque, 2014, pág. 372). O MEM possibilita, ainda, a existência de grupos heterogéneos onde alunos das mais diversas idades estão em contato uns com os outros e, em diversos casos, pode ser uma mais valia para cimentar os pilares em que o MEM se rege.

A educadora da Sala Vermelha da Creche & Aparece, na entrevista realizada, destacou a relevância que o modelo do MEM tem para os profissionais que com ele trabalham e para as crianças:

“O Modelo do MEM é aquele que sublinha que as crianças devem ser iniciadas em diferentes literacias que incluem, não somente os conteúdos (conceitos, saberes-fazer e conhecimentos), mas também os processos e instrumentos usados nas diferentes áreas (artes, ciências e humanidades). Este modelo dá também importância a que as crianças adquiram controlo sobre os processos de aprendizagem, tomando consciência dos passos constituintes de um processo (projeto) para a obtenção de um resultado ou produto.” (Anexo III – Entrevista à Educadora)

Num clima de expressão livre, de liberdade de expressão e de tomadas de decisões para Folque, “alicerçado na validação feita pelo grupo das opiniões, nas experiências de vida e ideias das crianças” (Folque, 2014, pág. 53), o MEM é um ponto de partida para os educadores alargarem as competências de comunicação e aprendizagem das crianças.

O MEM defende a existência de grupos heterogéneos para o enriquecimento pessoal e do grupo. Esta circunstância leva ao enriquecimento da “aprendizagem social e

cognitiva das crianças, criando uma zona de capacitação” (Folque, 2014, pág. 53). Essa zona de capacitação é definida como a capacidade de as crianças se entrem ajudarem num ambiente heterogêneo.

Para além da existência destes três pilares em que o MEM se suporta, podemos encontrar um outro princípio que está bastante presente neste modelo pedagógico: a interação com as famílias e a comunidade. Leandro (2008) afirma que a relação existente entre a entidade conhecida como escola e toda a comunidade envolvente deve ser reconhecida como uma “fonte de conhecimento e formação para as crianças” (Leandro, 2008, pág. 4). Sugere-se, assim, a existência e a participação da família e comunidade nos dias festivos, em sessões de animação e/ou formação, encontros entre pais e educadores, entre outros. Desta forma assegura-se, não só, o acompanhamento das famílias no percurso escolar dos educandos, como se promove o papel da escola como mediador e promotor de princípios sociais e culturais do meio envolvente.

Através da 57ª nota de campo, foi possível identificar a existência de momentos de comunicação entre as famílias e os educadores regista-se na Creche & Aparece:

Proporcionou-se, ainda, um momento de longa conversa entre a educadora e um pai de uma das crianças, uma vez que houve um momento com um comportamento menos apropriado, aquando da chegada do pai da criança em questão. (Anexo I – Notas de Campo - 57ª nota de campo)

A partir de Leandro (2008), podemos concluir que o MEM, aplicado nos jardins-de-infância, pressupõe algumas condições às quais devemos dar especial atenção. Uma primeira condição que fundamenta a atividade educativa está associada à criação dos grupos de crianças. Esta organização não é feita por grupos etários, mas sim de uma forma heterogênea ao nível das faixas etárias existentes em cada sala. Este fato garante não só a heterogeneidade dos grupos, mas também o “respeito pelas diferenças individuais no exercício de interajuda e colaboração” (Leandro, 2008, pág. 3).

Uma segunda condição que deverá ser tida em consideração está associada à necessidade de existir um ambiente de liberdade de expressão, ao nível da fala, da escrita, da pintura ou das ciências, para as crianças, “reforçado pela valorização pública das suas

opiniões e ideias” (Leandro, 2008, pág. 3). Quere-se, com isto, afirmar que ao garantir à criança um espaço em que possa expor as suas ideias, os seus conhecimentos, irá valorizar-se o seu papel enquanto um ator social.

Na terceira condição do MEM nos jardins-de-infância podemos afirmar que é importante o espaço dado aos tempos lúdicos. De acordo com Leandro (2008), é no decorrer das explorações das áreas lúdicas que surgem, muitas vezes, interrogações que suscitam “projetos de pesquisa, autopropostos ou provocados pelo educador, enquanto promotores da organização participada, dinamizadores da cooperação e animadores cívicos e morais” (Leandro, 2008, pág. 3).

Por fim, a última condição a que nos referimos está relacionada com a organização do espaço, dos materiais e da conceção de instrumentos de regulação cooperativa.

Para o Ministério da Educação – ME - , a educação pré-escolar “é a primeira etapa do ensino básico no processo de educação ao longo da vida, sendo complementar da ação educativa da família, com a qual deve estabelecer estreita cooperação, favorecendo a formação e o desenvolvimento equilibrado da criança, tendo em vista a sua plena inserção na sociedade como ser autónomo, livre e solidário” (Ministério da Educação, 1997, pág. 12). Estes princípios vão ao encontro do que é defendido pelo MEM, de promoção do desenvolvimento e da aprendizagem de cada criança, destacando-se, também, o seu desenvolvimento social enquanto cidadão.

Folque (2014) realiza o levantamento de alguns fatores que facilitam e limitam a aplicação deste movimento. Fugindo ao modelo mais tradicional, o MEM ainda revela grandes dificuldades em assumir-se como um modelo único. Os fatores que Folque expressa, incluem:

“factores estruturais e dinâmicos: 1) dimensão do grupo; 2) recursos – espaço e materiais (qualidade e quantidade); 3) a estabilidade e previsibilidade da organização do tempo (limitada por constrangimentos institucionais ou mais flexível perante as necessidades do grupo); 4) diversidade e estabilidade da equipa (partilha de saber comum; promoção/constrangimento da continuidade); 5) o leque de idades das crianças da instituição; 6) as maneiras de fazer próprias das instituições; 7) o ethos

institucional; 8) os sistemas de desenvolvimento profissional”
(2014, pág. 383)

Como podemos verificar, estes fatores em muito estão associados ao dia-a-dia das crianças. Um grupo que todos os meses esteja a aumentar ou a diminuir de dimensão, depressa consegue perder a estabilidade que deveria sentir. Ou uma equipa pedagógica que esteja sempre a sofrer alterações, também acaba por causar alguma instabilidade nas crianças. Se o grupo em questão se tratar de um grupo de crianças heterogéneo estes fatores podem ser, ainda, amplificados.

1.2 Organização do espaço, tempo e instrumentos de pilotagem

Tendo em consideração a última condição que Leandro (2008) nos apresenta, é necessário aqui apresentar algumas das características das salas de aula do MEM (aplicada ao contexto de jardim-de-infância). Para Almeida (1987) “as salas de actividades estão organizadas para que as crianças todos os dias possam escolher o que querem fazer” (Almeida, 1987, s/p).

Desta forma podemos destacar a existência de espaços devidamente delimitados e identificados, indicando uma área específica de aprendizagem/lúdica, sendo determinados pelo tipo de atividade e os materiais que oferecem à criança. Cada zona deverá conter materiais autênticos, que se assemelhem o mais possível ao que encontram fora do jardim-de-infância (Leandro, 2008, pág. 3).

Neste modelo pedagógico, consideram-se algumas áreas essenciais numa sala de atividades de jardim-de-infância: espaço de biblioteca e documentos para consulta, oficina da escrita, espaço de laboratório de ciências, um espaço para construções, espaços de expressão e representação plástica e, ainda, um espaço de “faz de conta” (Leandro, 2008, pág. 3). Desta forma, procura-se tornar o local agradável, estimulante e bem organizado, indo ao encontro dos interesses das crianças.

Na Sala Vermelha da Creche & Aparece, depois da entrevista com a educadora, foi possível perceber quais as áreas que a sala tinha e a razão da sua escolha, os desejos manifestados pelas crianças:

“(...) área da escrita, área da matemática, área das ciências, área da biblioteca, área expressão plástica, área da informática, área da casinha e área da garagem. As áreas foram surgindo tendo em conta os interesses das crianças.” (Anexo III – Entrevista à Educadora)

Folque defende, ainda, que estes espaços que podem ser de exploração livre, são promotores de tempos lúdicos onde as crianças têm tempo para “explorarem e descobrirem materiais e documentos e estas são encorajadas a colocarem as suas próprias interrogações e a sentirem espanto” (Folque, 2014, pág. 53). Ao explorarem o espaço da sua sala, as interrogações que fazem a si mesmas podem, em muitos casos, levar a novos projetos.

A educadora da Sala Vermelha, destacou a importância da gestão do espaço, esta uma forma de procurar a cooperação entre a vida do grupo e do currículo. Neste sentido, afirmou que *“a gestão do espaço e dos materiais é realizada em conjunto com o grupo recorrendo aos instrumentos de pilotagem de modo a que as crianças sejam autónomas e responsáveis pela gestão do espaço e dos materiais.”* (Anexo III – Entrevista à Educadora)

Uma outra característica do espaço da sala que se orientava segundo este modelo pedagógico está relacionado com o que Formosinho defende como sendo o ambiente geral do espaço. A sala de atividades deve ser:

“(...) agradável e altamente estimulante, utilizando as paredes como expositores permanentes das produções das crianças onde, rotativamente, se revêem nas suas obras de desenho, pintura, tapeçaria ou texto (...) as crianças poderão encontrar todo o conjunto de mapas de registo que ajudem na planificação, gestão e avaliação da atividade educativa participada por elas” (Formosinho, 2007, pág. 133)

Relativamente à organização do tempo, considera-se importante que seja pensada e trabalhada de forma a criar um ambiente seguro para a criança, dividida em duas etapas: a da manhã e a da tarde (Leandro, 2008, pág. 4). Durante a parte da manhã dá-se especial

atenção aos trabalhos de projeto e às atividades escolhidas pelas crianças a desenvolver nas áreas da sala. A seguir à pausa para almoço, assiste-se à predominância de atividades voltadas para a cultura.

Para além deste tempo em que passam na sala são, ainda, considerados os momentos de saída da sala para o recreio ou visitas de estudo, o tempo para planificar com as crianças novos projetos que, por norma, acontece à sexta-feira e é quando se reúne o Conselho da Turma. O modelo pedagógico do MEM prevê este momento para que se consiga estimular os princípios da comunicação, cooperação e democracia.

Folque transmite-nos a ideia de como seria a organização ideal de um dia no MEM:

“A manhã começa com o planeamento em Reunião de Conselho, seguido de uma hora de ‘Actividades e Projectos’. Depois de um intervalo, o grupo reúne-se para o ‘Tempo de Comunicações’ em que algumas crianças apresentam o seu trabalho a todo o grupo. A tarde é dedicada a actividades culturais (...) O dia termina com uma avaliação em ‘Reunião de Conselho’ (Folque, 2014 pág. 57).

É, então, importante referir os mapas de registo, conhecidos, também, por instrumentos de pilotagem. Estes materiais estão inseridos naquilo que Niza (1991) intitula como diário de turma. O diário será, assim, um “instrumento mediador e operador (ou alimentador) da regulação social do grupo e do processo de negociação permanente e interativa que uma educação cooperada ou democrática pressupõe” (Niza, 1991, pág. 28).

O papel de mediador do diário de turma é importante, dado que este atua no Conselho de Turma que se reúne para tomar decisões sobre projetos, para avaliar o que correu bem ou mal durante o dia, semana ou mês.

É, no momento do Conselho, que surgem os instrumentos de regulação cooperativa. Ao reunirem-se todos os membros da sala de aula, os instrumentos são retirados das paredes da sala, onde ficam em expostos durante toda a semana, para que sejam minuciosamente analisados. Para o MEM, os materiais que constituem estes instrumentos de pilotagem são:

- O mapa de presenças, onde se registava a presença ou ausência da criança na escola. Neste caso, são as próprias crianças a marcar a sua presença todos os dias. Trata-se

de um: “quadro mensal de duas entradas: os dias da semana/mês encontram-se na linha superior e os nomes das crianças na coluna da esquerda. Todas as manhãs, à medida que entram, as crianças marcam a sua presença” (Folque, 2014, pág. 55).

Imagem 1 – Mapa de presenças na Sala Vermelha da Creche & Aparece



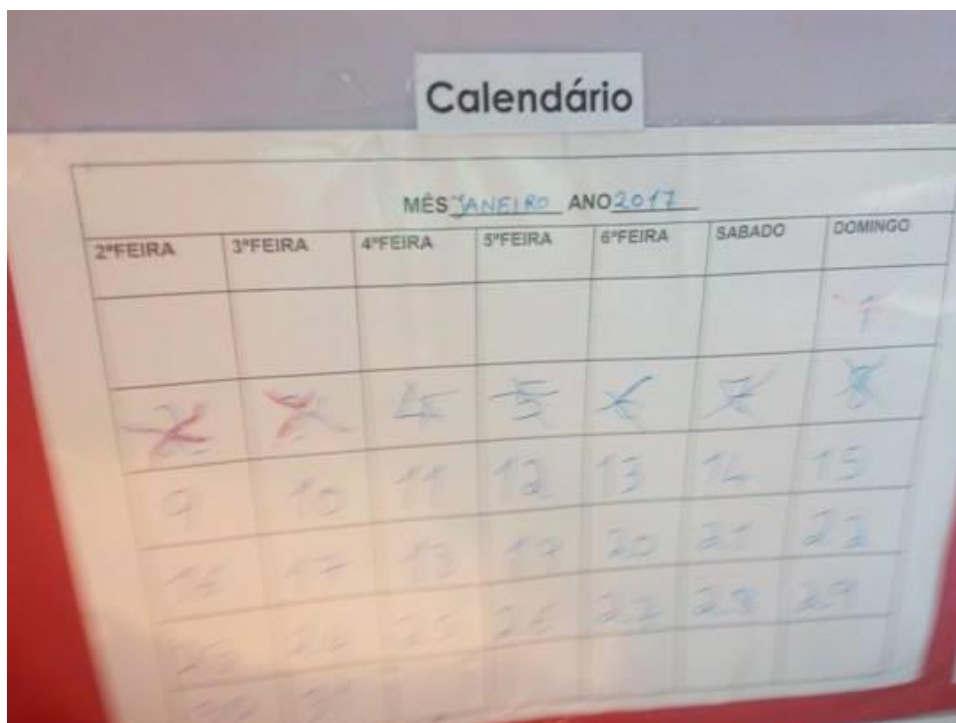
- O mapa do tempo, onde se registava diariamente o estado meteorológico do dia.

Imagem 2 – Mapa o Tempo na Sala Vermelha da Creche & Aparece



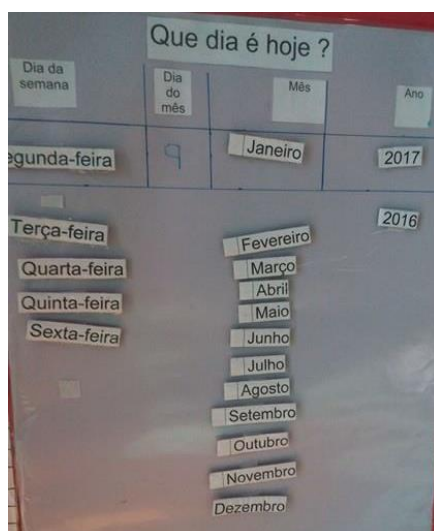
- O calendário do mês onde, ao início de cada dia, as crianças marcam com um X o dia que terminou.

Imagem 3 – Calendário na Sala Vermelha da Creche & Aparece



No caso da Sala Vermelha existia, ainda, o mapa para a marcação e registo dos dias da semana, dia do mês, o mês e o ano.

Imagem 4 – Marcação de dias da semana na Sala Vermelha da Creche & Aparece



- “cada criança faz um círculo nas actividades que planeou e, depois de a actividade realizada, volta ao quadro e preenche o círculo. Este plano de actividades é usado como um processo de auto-reflexão sobre a acção. Ao olhar para o quadro e vendo o que acabaram (ou não), as crianças aprendem progressivamente a antecipar as actividades, a realizar planos e a auto-regular o seu trabalho. Este mapa é também utilizado para avaliar o trabalho de grupo.” (Folque, 2014, pág. 55).*

Imagem 5 – Plano de Atividades na Sala Vermelha da Creche & Aparece

[illegible]

- 13

pelas crianças e as ajudam a recordar e a ver as diferentes possibilidades de actividades nessas áreas. Estas listas são construídas pelo educador e as crianças.” (Folque, 2014, pág. 55)

- O quadro de tarefas, discriminando quem é a crianças responsável pelas várias tarefas da sala (indicando quem é o presidente do conselho, o ajudante da educadora, etc.). Esta distribuição de tarefas vai de encontro ao que se defende como “a abordagem sociocêntrica da pedagogia do MEM” que, nestes casos, “atribui às crianças, desde muito cedo, a responsabilidade por certas tarefas, tais como cuidar dos materiais, preparar refeições, regar as plantas, alimentar os animais ou limpar mesas de trabalho” (Folque, 2014, pág. 56).
- O diário de grupo, um mapa dividido em quatro colunas onde se faz o registo daquilo que as crianças gostaram, o que não gostaram, o que fizeram e o que querem fazer ao longo do dia, semana ou mês. Este diário deve conter o “registo semanal de incidentes, desejos, conflitos ou relatos de acontecimentos que qualquer membro do grupo pretenda assinalar” e deve ser avaliado, “no fim da semana, durante a reunião de conselho de sexta-feira, os conteúdos do “Diário” são analisados e discutidos pelo grupo” (Folque, 2014, pág. 56)

Imagem 6 – Diário de Grupo na Sala Vermelha da Creche & Aparece



- E, ainda, o Mapa das regras de vida que devem conter, para Folque, o “registo das regras que foram acordadas para a regulação do grupo.” (Folque, 2014, pág. 56)

1.3 Avaliação: a importância do Conselho de Turma

De acordo com os escritos sobre o MEM, a avaliação feita neste modelo pedagógico está integrada no próprio processo de desenvolvimento da educação. Ou seja, durante todos os dias, nos momentos de educação na sala, o educador estará sempre a exercer o seu papel de avaliador daquelas crianças.

São utilizadas algumas estratégias para proceder a esta avaliação. Essas estratégias passam pela observação espontânea e diária do educador, os registos coletivos e individuais daquilo que a criança produz, ocorrências significativas que sejam registadas no diário da turma e, ainda, nos debates do Conselho de Turma (Leandro, 2008, pág. 4)

Para além do educador, os pais também poderão fazer parte deste processo de avaliação. Com a sua participação regular no dia-a-dia da criança, trimestralmente existe uma reunião onde se faz o balanço com o educador sobre o educando. Nessa reunião são expostas as produções realizadas até ao momento, em forma de portefólio.

O diário de campo, é o instrumento de pilotagem que permite uma avaliação mais precisa quando existem as reuniões do Conselho de Turma. Ao existirem duas colunas referentes ao “Gostamos” e “Não Gostamos”, consegue-se avaliar e compreender as “relações sociais que se estabelecem no grupo, uma vez que nelas se registam respectivamente, os juízos sobre situações de interacção social gratificantes e sobre problemas e conflitos” (Vieira, 2007, s/p)

A partir da coluna do “Fizemos”, assume-se aquilo que foi feito ao longo da semana e, depois de feita a avaliação no Conselho de Turma, as crianças tomam consciência de que essas “realizações resultam habitualmente em motivação para desenvolver novas actividades e projectos” (Vieira, 2007, s/p). Na coluna do “Queremos”, depois de se terem registado as propostas de projetos, acaba por se ir ao encontro do que é defendido como a avaliação da coluna anterior. Ao fazerem este levantamento de vontades e desejos, “os conteúdos destas duas últimas colunas influenciam os ajustamentos e as alterações a introduzir na organização do trabalho na classe” (Vieira, 2007, s/p).

Assim, ao se refletir sobre todas as colunas que compõem o Diário de Grupo, todo o grupo se encontra a refletir e a cooperar na tomada de decisões para a resolução de

conflitos que se registem, nas decisões a serem tomadas sobre os projetos a realizar ou sobre aquilo que foi feito durante a semana.

1.4 O Movimento da Escola Moderna na Sala Vermelha

O jardim de infância da Creche & Aparece possui um projeto educativo apoiado nos princípios teóricos do MEM. De acordo com este Movimento, todas as decisões são tomadas de acordo com as vontades das crianças, pois “A vida do grupo organiza-se numa experiência de democracia directa, não representativa, onde se privilegia a comunicação, a negociação e a cooperação” (Folque, 2006, pág. 6).

Na Sala Vermelha, existia às sextas-feiras o Conselho de Turma onde era nomeado semanalmente o presidente da semana seguinte. A eleição do presidente da sala seguia a ordem alfabética dos nomes das crianças que nela se encontravam e de seguida era efetuada a escolha de um secretário que ajudava o presidente nas suas tarefas (marcação diária das presenças e do estado do tempo, colocação da mesa à hora de almoço, bem como organização do grupo de crianças na hora de se fazer o “comboio” – fila – para a ida ao refeitório).

Nesta reunião de conselho, fazia-se um levantamento do que se realizou durante a semana, daquilo que as crianças tinham e não tinham gostado, do que tinha acontecido no decorrer da mesma. Na primeira reunião de cada mês fazia-se, também, uma listagem de visitas de estudo realizadas no mês anterior, caso tivessem acontecido, e daquelas que iam ser levadas a cabo no mês que se iniciava ou aquelas que gostariam de realizar. Durante o meu estágio, em muitas reuniões de conselho, surgiam, também, novos projetos que as crianças pretendiam trabalhar na sala, conforme podemos comprovar por aquilo que registei em notas de campo:

“Em reunião de conselho, surgiu a ideia de irem visitar os bombeiros.” (Anexo I – Notas de Campo - 28ª nota de campo)

“A educadora aproveitou para recordar os projetos sobre os quais tinham falado durante a reunião do conselho: o do corpo humano, o dos dentes, o dos países, das árvores e da reciclagem.” (Anexo I – Notas de Campo - 44ª nota de campo)

“Começou-se o dia com uma reunião do conselho. A educadora fez o levantamento dos projetos que as crianças tinham pedido, mais um que tinha surgido no começo do dia. Um dos meninos trouxe uma torre Eiffel em miniatura e queria fazer um projeto sobre isso.” (Anexo I – Notas de Campo - 77ª nota de campo)

Ao existir esta reunião do Conselho de Turma, estava a proporcionar-se um momento que permitia às crianças participarem nas decisões do que se ia realizar na Sala Vermelha. Este facto, para Folque (2006, pág. 6), permite que a comunicação e a troca de ideias entre os educadores e as crianças desenvolvam “uma maneira de construir a aprendizagem através de processos cooperativos”.

De acordo com os princípios teóricos do MEM, segundo Folque (2006), esta comunicação entre os atores da sala permite que se ative nas crianças uma função cognitiva – o processo metacognitivo – que lhes permite compreender melhor aquilo que têm a comunicar aos outros que as rodeiam. Por outro lado, consegue-se também desenvolver funções sociais, uma vez que ao partilharem as suas vontades, as suas ideias, estão a contribuir para todos os que estão envolvidos nas atividades da sala estejam atentos e interventivos no que está a acontecer naquele momento.

Numa sala em que o MEM esteja a ser aplicado, o papel do professor/educador é bastante ativo. Para além de exercer o seu trabalho de educador, desenvolve também um papel cívico e moral. Promove a organização participativa de cada um dos seus alunos, assim como “a cooperação e cidadania democrática, ouvindo e encorajando a liberdade de expressão, as atitudes críticas, a autonomia e a responsabilidade” (Folque, 2006, pág. 11).

Na Sala Vermelha verificava-se a presença destes elementos, visto que era dada a liberdade às crianças para que marcassem as suas presenças (só quando não o faziam é que o presidente da turma via quem não tinha marcado), para que escolhessem a área que queriam trabalhar ou o simples fato de beberem água e irem à casa de banho sozinhos.

Como defende Niza (2007), uma organização em que a cooperação seja a base das ações, da tomada de decisão, dos tempos e espaços em que ocorrem as atividades e das responsabilidades da criança, vai sempre gerar negociações entre a criança e a educadora de forma a que a criança aprenda a viver em grupo respeitando as normas, os valores e os significados que acontecem quando existe uma interação social desta natureza.

O MEM possui, assim, três grandes finalidades na atualidade. Sendo um modelo curricular que em tudo veio modificar a forma como se ensina, pretende dar bases para as práticas democráticas, a reinstituição de valores e os significados sociais e, ainda, a reconstrução cooperativa da cultura (Bohac, 2014). Neste sentido,

“Uma característica defendida pelo movimento é a forte ligação permanente com a vida. No dia-a-dia escolar, as crianças, junto com o professor, têm o costume de visitar locais de trabalho, para assim ver e compreender como é a vida social” (Bohac, 2014, pág. 46)

Esta característica do MEM estava bem presente na Sala Vermelha da Creche & Aparece. Existia, por parte da educadora e da auxiliar, uma preocupação de concretizar na prática aquilo que transmitiam às suas crianças na sala. Por exemplo, quando pelo Outono as folhas das árvores se viam no chão, para além de lhes dizerem o que acontecia numa conversa informal, levaram as crianças à rua para lhes mostrar o que poderiam encontrar nos jardins de zonas das redondezas (Anexo I – Notas de Campo – 12ª nota de campo).

Na Sala Vermelha, valorizava-se imenso as obras de arte. Na minha 16ª nota de campo registei o fato de que as crianças explorarem um livro sobre arte quando se depararam com:

“Os trabalhos de grandes pintores que já haviam aprendido anteriormente como Pollock, Kandinsky ou Van Gogh. Depressa começaram a identificar as pinturas que já tinham visto, por serem aquelas que se tinham baseado para fazer os seus trabalhos expostos na Sala Vermelha.” (Anexo I – Notas de Campo - 16ª nota de campo)

Este aspeto está bastante associado ao que se defende no MEM. Para Folque, “a focalização do MEM na produção de obras culturais que promovem a identidade das crianças como autores e a apropriação de métodos e instrumentos valorizados pela cultura, realça que a aprendizagem se realiza através do envolvimento em práticas

humanas.” (Folque, 2014, pág. 362). Estes processos são, em muitos casos, estimulantes para a criatividade das crianças, para a sua autonomia e realização pessoal.

Neste capítulo abordei os pressupostos teóricos do MEM que assentam na comunicação, democracia e cooperação. Constatando que o espaço da sala é delimitado por áreas distintas que não são escolhidas ao acaso, que cada sala tem a sua rotina e compreendi para que servem os instrumentos de pilotagem. Não só aprofundei esses conhecimentos ao realizar a leitura de diversos textos académicos, como tentei compreender o dia-a-dia da Sala Vermelha.

Estando a Sala Vermelha inserida numa experiência piloto da instituição e com um grupo de crianças heterogéneo, nem sempre foi fácil seguir todos os pressupostos do MEM. Em alguns detalhes existiam diferenças, como é o caso da ausência de algumas reuniões do Conselho de Turma ou de instrumentos de pilotagem.

Capítulo II – Metodologia de Projeto

Neste capítulo, o leitor vai encontrar reflexões acerca da temática da metodologia de projeto, estando organizado em três pontos que considero relevantes. Num primeiro momento, abordarei a definição desta metodologia, qual o significado que se dá ao trabalho realizado por projetos que seguem a forma cooperativa; num segundo ponto, descreverei, à luz do que vários autores nos dizem, quais são as etapas do trabalho de projeto; e, por fim, como é que se torna possível o trabalho de projetos com crianças.

Pretendo, com este capítulo, debater aspetos relativos à metodologia de projeto, tentando explicar a importância deste método de trabalho com as crianças e como ele se relaciona com o MEM.

2.1 Definição: o significado do trabalho cooperativo

A metodologia de projeto começa por resultar da necessidade de articular a intervenção de variados atores, com diferentes percursos de formação, aptidões ou saberes com um trabalho inter e transdisciplinar. O que se verifica é que, quando existe a necessidade da aplicação de um projeto em determinada empresa, escola ou qualquer outro serviço educativo, a equipa que nele trabalha poderá incluir elementos detentores de distintos graus de formação, a partir das mais diferentes ideias, formando uma equipa bastante heterogénea.

Para Leite, Malpique e Santos (1990, pág. 140), esta metodologia requer:

“(...) uma grande implicação de todos os participantes. Envolver trabalho de pesquisa de terreno, tempos de planificação e intervenção com a finalidade de responder a problemas encontrados, problemas considerados de interesse pelo grupo e com enfoque social.”

A metodologia de projeto assenta na articulação da teoria e da prática, na procura de solução para um problema do terreno que se esteja a estudar. Considera-se fundamental que exista uma forte ligação entre os membros da equipa que adotem esta metodologia,

estudando o mesmo problema, escolhendo, dentro desse problema geral, detalhes que se revelem também importantes e que precisam de maior atenção.

Leite, Malpique & Santos (1990) defendem que não existe uma única forma de se proceder quando se trabalha com este tipo de metodologia. Contudo sugerem que deve existir uma planificação de ação, de acordo com as necessidades de cada grupo. Trabalhar em projeto pressupõe, também, o estudo das propostas de solução do problema identificado (quer surjam estas no grupo de trabalho, quer sejam externas ao grupo) e uma avaliação contínua do projeto que se está a desenvolver.

O trabalho de projeto está, assim, centrado no estudo dos problemas de uma instituição, de uma comunidade, de um grupo, e recorre a estratégias para a resolução desses problemas. É igualmente importante considerar que se deve trabalhar numa equipa inter e transdisciplinar.

Outros autores defendem que a metodologia de projeto começa por ser uma “forma racional de organização e uma sequência de tarefas, tendo em conta a concretização dos objetivos expressamente assumidos” (Guerra, 2002, pág. 128). Num trabalho de projeto deve-se privilegiar a participação ativa dos intervenientes não só na concretização do projeto, mas também no diagnóstico das necessidades ou na elaboração das atividades que o constituem.

Para Barbier (1993), existem dois tipos de projetos. Aqueles que, de alguma forma, são considerados projetos de situação que, segundo o autor, são considerados “representações relativas ao estado final do objeto, da identidade, da situação que se procura transformar ou modificar” (Barbier, 1993, pág. 55); e os projetos do processo que são considerados como “representações relativas ao processo que permite chegar a este estado final” (Barbier, 1993, pág. 57).

Assim, existirá, também, equipas que estão mais focadas no estado final daquilo que foi considerado como o diagnóstico do problema, em que é ao resultado final que atribuem maior importância, e outras que dão mais importância ao processo, de como se chega ao resultado final. É durante todo o processo que se faz para a resolução do projeto, que se consegue identificar muitas vezes quais são as etapas do trabalho e que se está efetivamente a trabalhar em projeto.

2.2 Etapas do trabalho de projeto

A identificação do problema começa por ser, assim, uma primeira fase do trabalho da metodologia de projeto. Sem a identificação do problema, torna-se impossível avançar no trabalho desta metodologia. Assume-se que durante este processo se comecem a esboçar os primeiros traços da planificação com registo dos recursos necessários à sua realização, as limitações que são e poderão vir a ser sentidas e a justificação do processo (Leite, Malpique & Santos, 1990).

Num trabalho segundo a metodologia de projeto, prevê-se que haja de seguida ou em paralelo a procura de informação sobre a temática do projeto, sobre o trabalho de campo e sobre a produção do material de todo o processo do trabalho de campo. Assim, terá de haver uma grande preocupação no trabalho de campo, nas reflexões teóricas e na produção de material do grupo ou pessoa individual que esteja a trabalhar sobre o projeto.

Para Leite, Malpique e Santos quando este trabalho se desenvolve em grupo surgem sempre “múltiplas descodificações que serão fértil material de análise crítica para a elaboração de sínteses” (Leite, Malpique & Santos, 1990, pág. 78). Ao se registar uma troca de opiniões acerca do que se observa, poderão emergir várias hipóteses de resolução do problema observado, ou dos vários problemas que os diferentes atores identifiquem.

O trabalho de projeto vai depender da abertura do local onde se está a trabalhar para a resolução dos problemas detetados, uma vez que se privilegia o espaço onde ocorre o estudo. Sendo este trabalho desenvolvido numa creche e num jardim de infância, os problemas detetados numa sala poderão ser idênticos aos de outras e, com o diagnóstico feito e o projeto apresentado, poderão ser mais as vezes aquelas em que se replica o trabalho desenvolvido. Privilegia-se, assim, uma implementação alargada do trabalho de projeto.

Para que se consiga ter elementos que comprovem que a implementação de um projeto foi bem-sucedido, é importante criar momentos de avaliação do mesmo. Assim, poderão surgir elementos como entrevistas, questionários, discussões e conversas informais para avaliar se o projeto está a decorrer conforme o planeado. É certo que os resultados produzidos pela implementação do projeto serão uma boa prova de avaliação final do projeto.

A metodologia de projeto poderá ser:

“(...) uma experiência em determinados espaços, tempos e contextos, como alternativa à rotina pedagógica, à incomunicabilidade existente entre professor e aluno, entre a escola e a realidade envolvente; poderá ser um contributo para alargar a participação positiva de um maior número de intervenientes num maior aproveitamento das potencialidades de cada um, importante contributo para uma escola ativa inserida na realidade e aberta à inovação” (Leite, Malpique & Santos, 1990, pág. 81).

É importante os profissionais de educação serem capazes de identificar os problemas que o seu trabalho levanta e que consigam resolvê-los com novas estratégias. A resolução desses problemas poderá passar pela interajuda de equipas multidisciplinares que, com os mais variados conhecimentos, tenham a capacidade de se focarem na resolução do problema.

O modelo de Guerra (2002) pressupõe o seguimento de algumas estratégias para a concretização de um projeto. Assim, numa primeira etapa deve sempre dar-se destaque à identificação dos problemas e ao diagnóstico das situações. É, nesta fase, que se definem os problemas aos quais o projeto irá dar solução, recorrendo a diferentes tipos de instrumentos de recolha de dados (inquéritos, entrevistas, conversas informais, entre outros).

Numa segunda fase, definem-se os objetivos e as finalidades do projeto. Devem ser elaborados objetivos gerais, devem-se indicar as orientações globais para a ação, os objetivos específicos serão elaborados de forma operacional e as finalidades do projeto referem-se ao motivo pelo qual surge o projeto (Guerra, 2002).

Numa terceira fase, trata-se da seleção de estratégias onde se procura definir como se irá solucionar o problema levantado. Na quarta fase passa-se à programação das atividades que vão dar resposta aos objetivos anteriormente definidos.

Por fim, realizar-se-á a avaliação do projeto que, para Guerra, consiste em “comparar com um modelo – medir – e implica uma finalidade operativa que visa corrigir ou melhorar” (Guerra, 2002, pág. 185).

Para Barbier (1996), o trabalho de projeto desenvolve-se com trabalho de equipa, fazem-se estudos com a ida ao terreno numa perspetiva de pesquisa-ação, dinamiza-se a relação entre a teoria e a prática de forma a produzir conhecimentos através do estudo e da intervenção na resolução dos problemas detetados.

A planificação dos projetos é mais flexível, havendo espaço para alterações a qualquer momento do decorrer do projeto, caso se justifique essa necessidade.

2.3 O trabalho de projeto com crianças

Estando este trabalho de projeto previsto para envolver crianças, é de salientar que alguns projetos podem, de acordo com Katz e Chard, “começar de diversas formas. Alguns começam quando uma ou mais crianças de um grupo mostram interesse por alguma coisa que lhes despertou a curiosidade” (Katz & Chard, 2009, pág. 102). É, de fato, um dado relevante visto que são vários os modelos educativos que pretendem que as atividades e projetos curriculares das crianças partam das suas curiosidades, dos seus dilemas e preocupações.

Contudo, poderão existir projetos previamente pensados que não estão de acordo com o que as crianças têm como interesse e, nesse caso, parte da equipa que nesse projeto trabalhou deve ter a capacidade de se adaptar de forma a torná-lo aprazível. Um projeto será, à partida, elaborado de acordo com o problema que foi previamente formulado. Para Leite, Malpique e Santos (1990), a formulação desse problema passa por “descrevê-lo, (...) conhecer o seu enquadramento, as suas características até ao pormenor possível, (...) saber os limites em que nos podemos mexer” (Leite, Malpique & Santos, 1990, pág. 140).

Outros autores afirmam que o trabalho de projeto é:

“(...) favorecer a criação de estratégias de organização dos conhecimentos escolares em relação a: 1) o tratamento da informação, e 2) a relação entre os diferentes conteúdos em torno de problemas ou hipóteses que facilitem aos alunos a construção de seus conhecimentos, a transformação procedente dos diferentes saberes disciplinares em conhecimento próprio” (Hernández & Ventura, 1998, pág. 61).

É perceptível, assim, que existe a preocupação de não só se tratar do problema com a recolha de informação, mas, através das relações que existem entre os diferentes aspetos dos problemas, se ajudar os alunos na sua construção dos seus conhecimentos. Defende-se, também, a ideia de que a transformação dos vários conhecimentos disciplinares, poderá ser tomada como o conhecimento próprio de cada um.

O modelo pedagógico do MEM permite que as crianças trabalhem a metodologia de projeto, ao serem elas mesmas a escolher aquilo que mais querem abordar nas suas aulas. Desta forma, Alderson (2005) indica-nos que as crianças, ao trabalharem em projetos, “selecionam assuntos de pesquisa, questões e métodos gerais, decidem questões de pesquisa de campo específicas ou assuntos de entrevista, e selecionam os informadores e os locais de observação” (Alderson, 2005, pág. 430).

Fazendo-o de forma mais livre e intuitiva, as crianças que trabalham as questões levantadas em sala de aula em torno da metodologia de projeto, acabam por passar por todas as etapas mencionadas sem que tenham consciência de que aquilo que estão a realizar será algo mais complexo do que parece.

Muitas são as vezes que procuram questionar os educadores, os familiares ou amigos para verem o problema que surge nas suas interrogações resolvido. Ao trabalharem em projeto, elas mesmas podem ter uma voz importante no que diz respeito à solução do problema.

Depois de escrever este capítulo, de compreender que o trabalho em projetos assenta na interação entre a equipa de trabalho, o fato de se trabalhar em equipas inter e transdisciplinares vai ao encontro daquilo que se defende no MEM. As crianças, no caso em estudo, trabalham a partir de projetos, formando as suas equipas para os realizarem. Existe quem tenha mais conhecimento que eles, por exemplo, a educadora e a auxiliar, mas são eles que diagnosticam os problemas e estabelecem as etapas do trabalho para o realizarem. Esta estratégia vai ao encontro daquilo que vários autores já referenciados defendem como as etapas do trabalho de projeto.

Capítulo III – Desenvolvimento Sustentável

Este terceiro capítulo da primeira parte deste trabalho, encontra-se dividido em três partes. Numa primeira parte, abordo a definição de desenvolvimento sustentável e o pensamento sobre o futuro das gerações; numa segunda parte, apresento a educação para a sustentabilidade e qual o papel que a educação pode ter na transmissão dos valores que o desenvolvimento sustentável defende; por fim, evidencio as implicações que o currículo escolar português apresenta, relativas a esta temática.

Com este capítulo, tenho o objetivo de abordar o que se entende por desenvolvimento sustentável e as implicações que este conceito traz, uma vez que o projeto que mais adiante apresento, estará assente sob questões desta natureza.

3.1 Definição: o pensamento tendo em conta as gerações vindouras

A definição de desenvolvimento sustentável parte da essência da expressão “o suficiente para todos e para sempre” (Relatório da Comissão Brundtland in Ministério da Educação, 2006, pág. 18). O Ministério da Educação, desenvolveu um documento dedicado a este tema, onde nos transmite algumas implicações do conceito ao nível internacional:

“O desenvolvimento sustentável satisfaz as necessidades do presente sem comprometer a capacidade de as gerações futuras poderem também satisfazer as suas.”
(Relatório da Comissão Brundtland in Ministério da Educação, 2006, pág. 18)

Existem quatro pilares para o desenvolvimento sustentável: o respeito e cuidado pela comunidade de vida; a integridade ecológica; a justiça social e económica; e, ainda, a democracia, não violência e paz (Ministério da Educação, 2006, pág. 16). Neste sentido, o conceito de desenvolvimento sustentável exige um grande sentido de responsabilidade, pelo papel que desempenha e pelo impacto que pode vir a ter nas gerações futuras, não só ao nível local como ao nível global. Esta ideia traz consigo a questão da comunicação, uma vez que, ao pensar-se em desenvolvimento, está a pensar-se diversos aspetos.

Em 2016, entrou em vigor uma nova resolução da Organização das Nações Unidas – ONU – que apresentou os novos objetivos para o desenvolvimento sustentável. Intitulada “Transformar o nosso mundo: Agenda 2030 de Desenvolvimento Sustentável”, este documento veio apresentar 17 objetivos que, para o secretário-geral da altura em que este documento entrou em vigor, Ban Ki-moon, constituem “uma lista das coisas a fazer em nome dos povos e do planeta, e um plano para o sucesso” (ONU, 2016, pág. 1).

Estes objetivos, centram-se nas questões de²: erradicação da pobreza e da fome, garantir o acesso a serviços de saúde e educação de qualidade, igualdade entre os géneros, garantir água potável e saneamentos para todos, garantir que existam fontes de energia fiáveis, sustentáveis e renováveis ao acesso de todos, promover o trabalho digno e o crescimento económico, construir infraestruturas, reduzir as desigualdades, tornar as cidades e comunidades locais seguros, resilientes e sustentáveis, garantir padrões de consumo e produção sustentáveis, adotar medidas para o combate às alterações climáticas, conservar os oceanos e todos os recursos que deles se conseguem extrair, proteger a vida terrestre, promover sociedades pacíficas e, ainda, reforçar parcerias para a implementação de todos os objetivos.

No que diz respeito à educação, o objetivo de “Garantir acesso à educação inclusiva, de qualidade e equitativa, e promover oportunidades de aprendizagem ao longo da vida para todos” (ONU, 2016, pág. 8), pretende que, até 2030, se garanta que todas as crianças cumpram o ensino primário e secundário de forma livre e com qualidade e que todas tenham acesso à educação pré-escolar. Pretende, também, que até 2030 todos os homens e mulheres tenham igualdade de acesso à educação profissional, técnica ou superior, e que sejam eliminadas as desigualdades de género na educação.

A Agenda 2030, para além de pretender que todos os jovens e adultos sejam alfabetizados, indica-se o seguinte:

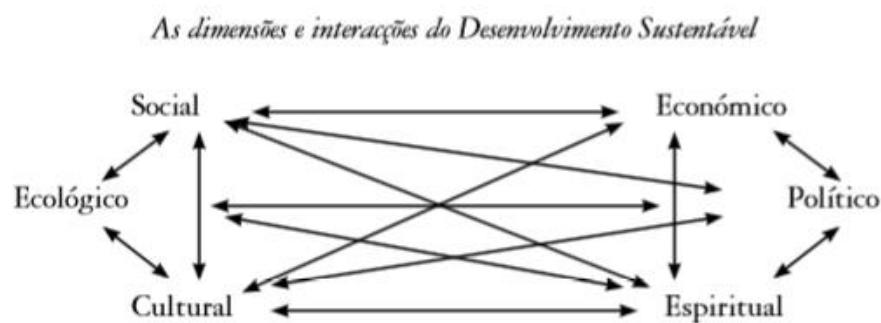
“Até 2030, aumentar substancialmente o contingente de professores qualificados, inclusive por meio da cooperação internacional para a formação de professores, nos países em desenvolvimento, especialmente os países menos desenvolvidos e

² Fonte da informação: Organização das Nações Unidas (2016). *Transformar o nosso mundo: Agenda 2030 de Desenvolvimento Sustentável*. Nova Iorque: ONU.

pequenos Estados insulares em desenvolvimento”
(ONU, 2016, pág. 9).

Assim, a partir da definição apresentada no Relatório da Comissão Brundtland, dos pilares em que o desenvolvimento sustentável assenta e da preocupação de organismos como a ONU para estas temáticas, o desenvolvimento sustentável aponta diversas dimensões e interações: social, económica, espiritual, cultural, política e ecológica.

Imagem 7 – As dimensões e interações do Desenvolvimento Sustentável



Fonte: Ministério da Educação (2006)

É perceptível, assim, que o conceito de desenvolvimento sustentável e todas as dimensões que este abrange (social, ecológico, cultural, económico, político e espiritual), têm de se relacionar entre si. Apenas se existir uma interação e relação entre estas várias dimensões é que se consegue garantir o desenvolvimento sustentável, contemplando o desenvolvimento que todas estas dimensões pressupõem, estimulando-se a comunidade a preservar todos os recursos para as gerações futuras.

Para Schmidt (2012, pág. 57), assume-se que o desenvolvimento sustentável é “um tipo de desenvolvimento que requer inteligência para compatibilizar as necessidades humanas com o uso sustentável dos recursos”. Desta forma consegue perceber-se que a preocupação com o desenvolvimento sustentável passa por preservar os recursos que a nossa cidade, o nosso país e o mundo têm para as gerações do presente e do futuro.

O desenvolvimento sustentável não tem, ainda, um consenso no que à definição do conceito diz respeito. Para Marques (2012, pág. 104), consiste em “assinalar a existência de um triângulo da sustentabilidade, cujos vértices são os pilares social, ambiental e económico”. Fazendo um paralelismo com Aristóteles, Marques salienta que o

desenvolvimento sustentável deverá ser um processo onde se poderia aplicar a teoria das quatro causas de Aristóteles.

“- Causa eficiente: indica o princípio da mudança.

- Causa material: identifica aquilo de onde algo surge, ou mediante o que algo chega a ser.

- Causa formal: a ideia ou o modelo que inspira a transformação, aquilo que já é, idealmente, antes de se plasmar na realidade concreta.

- Causa final: o fim, o telos, a realidade concreta e discreta para a qual o processo de transformação tende.” (Marques, 2012, pág. 105)

Através desta proposta consegue-se perceber que o conceito de desenvolvimento sustentável pressupõe a mudança. Esta mudança deve ser marcada pela renovação dos recursos existentes para as gerações do presente e do futuro.

A empresa Valorização e Tratamento de Resíduos Sólidos das Regiões de Lisboa e Oeste – VALORSUL – afirma que os conceitos de sustentabilidade e desenvolvimento sustentável surgiram da reflexão sobre a degradação do planeta Terra e a relação com o crescimento económico dos vários países.

Assistimos à emergência das mais variadas empresas, o que torna cada vez mais necessário a ligação entre as empresas com o ambiente. De forma a satisfazer as necessidades das gerações do presente sem comprometer as do futuro, esta integração do tecido empresarial vem tentar maximizar o crescimento económico sem comprometer o ambiente.³

Num estudo levado a cabo por Meadows (1972, pág. 20) surgiram três teses e conclusões às quais se deve tomar particular atenção sobre o desenvolvimento sustentável. Meadows defende que: 1) se os níveis de crescimento da população continuarem na tendência que se verifica, se a indústria, a poluição, os alimentos e os recursos diminuïrem, dentro de 100 anos a população irá sofrer um declínio, bem como as indústrias o que não permitirá cumprir o conceito de desenvolvimento sustentável; 2)

³ Informação disponível em: <http://www.valorsul.pt/pt/sustentabilidade.aspx>

será necessário o planeamento ecológico e económico para que se chegue a um equilíbrio mundial, de forma a satisfazer as necessidades de todos; 3) para que se chegue ao segundo ponto de forma viável, Meadows defende a teoria do crescimento zero, possibilitando uma estagnação do crescimento das indústrias.

Por esta teoria suscitar diversas críticas, Sachs (1976) formulou um novo conceito: ecodesenvolvimento. Mais próximo daquilo que se conhece como sendo o desenvolvimento sustentável, o ecodesenvolvimento assenta nos seguintes princípios: a) a satisfação das necessidades básicas; b) a solidariedade para com as gerações futuras; c) a participação da população; d) a preservação dos recursos naturais e do meio ambiente; e) a concretização de um sistema social que garanta emprego, segurança social e o respeito pelas outras culturas; e f) programas de educação.

Podemos afirmar que esta abordagem se torna mais abrangente, mais concreta do que a defendida por Meadows uma vez que vai mais além do que as questões de crescimento económico, industrial e populacional. Sachs (1976) pretendeu, assim, englobar todas as questões do desenvolvimento, defendendo aquelas relacionadas com a preservação do meio ambiente.

3.2 Educação para a sustentabilidade: o papel da educação

Neste sentido, surge o conceito de educação para a sustentabilidade para responder de forma ativa aos desafios que o desenvolvimento sustentável acarreta. Schmidt (2012) assume como áreas de intervenção, devido aos seus efeitos multiplicadores, as escolas, as autarquias, a comunicação social, as organizações não governamentais e o mercado.

As escolas têm uma importância fundamental na educação para a sustentabilidade, uma vez que num só local se conseguem conjugar diferentes momentos de educação. São, por isso, lugares de formação não só para alunos como para professores. Conseguem, assim, formar participantes heterogéneos que se constituam depois enquanto transmissores dos princípios do desenvolvimento sustentável. Schmidt defende, ainda, que fazer a ligação “entre as escolas e universidades é uma questão crucial” (2012, pág. 63).

As autarquias, representando o poder político que está mais próximo dos cidadãos, garantem a possibilidade de uma intervenção pública mais ativa nos processos de decisão, de planeamento e de gestão à escala local (Schmidt, 2012).

Os meios de comunicação dão a visibilidade ao que está a ser desenvolvido nesta área, sendo cada vez mais importantes na transmissão de informação às camadas mais jovens. O mercado, onde se manifestam trocas constantes de produtos, deverá envolver um maior cuidado. O que se consome e o que se produz devem ser problematizados.

Por fim, as Organizações Não-Governamentais – ONG - podem dar um contributo importante em três áreas de destaque. Para Schmidt (2012) essas áreas passam pela: mobilização de parceiros diversificados, a sensibilização e educação de grupos e, ainda, a elaboração de pareceres técnicos nas mais diferentes áreas de intervenção.

Estudos realizados em Portugal confirmam que existem números elevados de projetos desenvolvidos na área de educação ambiental/educação para a sustentabilidade, sobretudo nas escolas. Contudo, não se verifica o envolvimento da totalidade da comunidade escolar, ficando muitas vezes cada projeto confinado às turmas nas quais é criado. Schmidt (2012) considera que o público do 1º ciclo é o preferencial, sendo igualmente importante o maior envolvimento dos restantes ciclos de ensino.

No que aos meios de comunicação diz respeito, é de salientar que são várias as iniciativas tomadas. Todavia, numa escala mais geral, nota-se um certo alheamento relativamente a esta temática. Existem algumas iniciativas, como, por exemplo, aquela que tem permitido ao Jornal Expresso, desde 2007, dedicar um mês por ano à sustentabilidade. O Jornal Público e o Diário de Notícias mantêm uma secção dedicada ao tema e a Rádio e Televisão de Portugal – RTP - criou dois programas em 2006 – “Sociedade Civil” e “Biosfera” – e, mais tarde, um outro, transmitido diariamente, o “Minuto Verde”.

Existem, para Marques (2012), cinco objetivos permanentes referentes à educação para a sustentabilidade. Neste sentido, defende-se que, ao se estar a educar para o desenvolvimento sustentável, se está a: a) educar para uma cidadania interveniente, defendendo, assim, que só uma sociedade ativa conseguirá despertar para os problemas ambientais; b) educar para uma visão crítica do desenvolvimento, sendo importante o espírito crítico para aquilo que se está a fazer e o que se pretende mudar; c) educar tendo em conta a experiência internacional, ou seja, reconhecer aquilo que é realizado ao nível mundial sobre o tema e como poderá ser replicado; d) educar integrando as lições da experiência nacional, tendo em conta os avanços e recuos que foram acontecendo ao longo dos anos; e) educar para promover uma sociedade mais coesa e um Estado mais eficiente.

Para Marques, educar para o desenvolvimento sustentável passa por uma “educação para o futuro. Um futuro conquistado e merecido pelo esforço empenhado dos que não desistirem das tarefas que são justas e necessárias.” (Marques, 2012, pág. 109).

A QUERCUS – Associação Nacional de Conservação da Natureza – é uma Organização Não-Governamental Ambiental (ONGA) portuguesa e foi fundada em outubro de 1985 com o objetivo principal de lutar pela conservação da natureza e dos recursos naturais. Esta associação, ao longo dos anos, tem vindo a trabalhar sobre as mais diferentes áreas e elabora projetos de educação ambiental junto das escolas.⁴

Pretendem, assim, trabalhar em permanente intervenção junto da sociedade, desenvolvendo ações dirigidas para os mais diferentes setores da sociedade, em especial com crianças.

Nesta área desenvolvem ações junto das escolas básicas, secundárias, profissionais e/ou universidade, estão presentes em diferentes associações, clubes, empresas, feiras, exposições, órgãos de comunicação social, como, por exemplo, o “Minuto Verde”, programa da RTP. A QUERCUS desenvolve, ainda, iniciativas mais abrangentes que envolvem, não só alunos como toda a comunidade escolar⁵,

Para Jacobi (2003, pág. 195), os desafios que são colocados à sociedade e ao desenvolvimento sustentável poderão ser travados com a criação de:

“todas as condições para facilitar o processo, suprimindo dados, desenvolvendo e disseminando indicadores e tornando transparentes os procedimentos por meio de práticas centradas na educação ambiental que garantam os meios de criar novos estilos de vida e promovam uma consciência ética que questione o atual modelo de desenvolvimento marcada pelo caráter predatório e

⁴ Informação disponível em: www.quercos.pt/home/quemsomos/apresentacao

⁵ De entre essas ações, podem destacar-se: os “Green Project Awards”, o “Projeto 80”, o “Green Cork Escolas”, as “Jornadas de Ambiente da Quercus”, o “Golfe and Friends”, o “Heróis de Toda a Espécie”, entre outros.

pelo reforço das desigualdades socioambientais”

(Jacobi, 2003, pág. 195).

Considera-se, assim, a temática da educação para a sustentabilidade como a chave para a criação de novos estilos de vida que visam a promoção de uma nova mentalidade nas sociedades atuais. Dessa forma poderá conseguir-se cumprir o conceito de desenvolvimento sustentável.

A educação para a sustentabilidade ou educação ambiental para Constantino (pág.4) passa por propiciar o aumento dos conhecimentos, das mudanças e dos valores, aperfeiçoando, também, as habilidades, as condições básicas de forma a estimular a integração e harmonia do indivíduo com o meio ambiente.

Para Sorrentino (1998, pág. 29), os grandes desafios para os educadores ambientais estão, precisamente, associados a estas questões. O autor defende que essas barreiras *“são de um lado, o resgate e o desenvolvimento de valores e comportamentos (confiança, respeito mútuo, responsabilidade, compromisso, solidariedade e iniciativa) e de outro, estímulo a uma visão global e crítica das questões ambientais e a promoção de um enfoque interdisciplinar que resgate e construa saberes.”* (Sorrentino, 1998, pág. 29).

3.3 Implicações para o currículo escolar

Surgiram em 2002, orientações curriculares que incluem a temática do desenvolvimento sustentável para os alunos do 3º ciclo do ensino básico (7º, 8º e 9º anos) para as Ciências Naturais e Ciências Físico-químicas. Estas integram quatro temáticas: Terra no Espaço, Terra em Transformação, Sustentabilidade na Terra e Viver Melhor na Terra (Galvão et al, 2002).

Para além destas novas temáticas, houve uma necessidade de explicitar as competências a desenvolver pelos alunos ao abordarem as mesmas. Para isso, pressupõem-se um papel mais ativo do aluno na sala de aula e um papel de facilitadores das aprendizagens e não somente de transmissores por parte dos professores (Freire, 2005).

Contudo, segundo Freire (2005) torna-se difícil de se verificar, na prática, a implementação de um currículo colaborativo. Ou seja, um currículo que envolva não só a comunidade escolar, como as famílias e o meio envolvente. A mesma autora assume

que existe uma grande dificuldade de os professores reconhecerem os aspetos inovadores das orientações curriculares.

Nas Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar – OCEPE – vêm contempladas indicações alusivas às questões ambientais. Assim, defende-se que se deve proporcionar oportunidades à criança de aprofundar, relacionar e comunicar as suas dúvidas relativas ao mundo que a rodeia (Silva et al., 2016, pág. 88).

Para além das orientações relacionadas com a biologia e a física e química, defende-se que na articulação entre estas temáticas e outras (saúde e segurança, higiene corporal, geografia e ambiente) é fundamental a vivência de experiências em sala de aula que se assemelhe à realidade fora dela (Silva et al, 2016, pág.93).

Desta forma, de entre as aprendizagens que as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar de 2016 preveem para a educação pré-escolar, destacam-se as seguintes por irem de encontro com a questão da educação para a sustentabilidade:

“(...) - Compreender e identificar diferenças e semelhanças entre diversos materiais (metais, plásticos, papéis, madeira, etc.), relacionando as suas propriedades com os objetos feitos a partir deles;

(...)

- Manifestar comportamentos de preocupação com a conservação da natureza e respeito pelo ambiente.” (Silva et al, 2016, pág. 94).

É, neste sentido, que as questões ambientais nos são apresentadas nas OCEPE de 2016. Desta forma, o educador deve ser capaz de cumprir estas orientações, tentando aproximar as experiências em sala de aula com aquelas que as crianças poderão viver fora dela.

Ao trazer este capítulo, pretendi aprofundar as questões do desenvolvimento sustentável uma vez que o projeto que mais adiante irei apresentar assenta sobre a temática da reciclagem. A reciclagem surge como uma forma de garantir melhores condições às gerações vindouras. Assim, ao apresentar os pilares do desenvolvimento

sustentável como o respeito e cuidado pela comunidade de vida, a integridade ecológica, a justiça social e económica e a democracia, percebi que o tema do desenvolvimento sustentável e da reciclagem estão associados. Estes estão diretamente relacionados com a educação, visto que já existem orientações curriculares para que, desde o pré-escolar, as crianças estejam alerta para comportamento de preocupação com a conservação da natureza e do meio ambiente que as rodeia.

Capítulo IV – Reciclagem

Sendo este o último capítulo da primeira parte deste trabalho, apresento-o dividido em três partes. Num primeiro tópico, apresento a definição de reciclagem, passando para o segundo ponto onde exponho os benefícios da reciclagem e, por fim, o terceiro ponto onde explico como se pode reciclar.

Com este capítulo pretendo abordar a reciclagem e apresentar os benefícios que este processo traz para todos.

4.1 O que é a reciclagem?

Nos tempos que correm, torna-se cada vez mais crucial debater as questões do meio ambiente. Por isso, começa por se registar cada vez mais a preocupação em reciclar os resíduos que o ser humano produz. Para Fonseca, o conceito de reciclagem define-se como:

“(...)transformar objetos materiais usados em novos produtos para o consumo. Esta necessidade foi despertada pelos seres humanos, a partir do momento em que se verificaram os benefícios que este procedimento trás para o planeta Terra.” (Fonseca, 2013, s/p)

De entre as propostas relacionadas com a reciclagem, a política dos três R's permite explicar o que é a reciclagem e o que se pode fazer com os objetos a reciclar. Assim, os três R's são: reciclar, reduzir e reutilizar. Para a Lipor (2009) – entidade responsável pela gestão e valorização dos resíduos urbanos da área do Porto – reciclar significa que existe a transformação do lixo velho em novo, utilizando os resíduos como matéria-prima, sendo que a aplicação na prática deste R se verifica com a reciclagem dos resíduos.

O R de Reduzir indica-nos que se deve diminuir a quantidade de resíduos que é produzida pela sociedade. Desta forma, deverão ser adotadas medidas em cada casa/empresa/indústria que passem pela preferência de embalagens de tamanho familiar, por embalagens com retorno, pela compra de produtos reutilizáveis ou pela adoção do simples gesto de utilizar sacos de pano nas idas às compras.

Quanto ao R de Reutilizar, passa por dar novas utilidades aos objetos antigos. Assim, devemos utilizar o verso de folhas que estejam “estragadas” para rascunhos, guardar papel de embrulho para reutilizar noutras ocasiões ou simplesmente utilizar os boiões e frascos de vidro e plástico para guardar material de escrita.

4.2 Quais são os benefícios da reciclagem?

Os materiais reciclados têm o papel de contribuir para a diminuição da poluição dos solos, da água e do ar, sendo que podem reduzir os custos das indústrias (Fonseca, 2013). Muitas são as empresas e indústrias que veem na reciclagem uma forma de gerar riqueza para si mesmos uma vez que, não só se está a promover hábitos de sustentabilidade para o planeta, como se começou a gerar mais emprego.

A Lipor (2009) apresenta alguns benefícios da reciclagem através de números. Ao reciclar-se o papel, consegue-se poupar, em média, 15 a 20 árvores por cada tonelada reciclada de papel, poupando assim 60% de energia e de água. Adicionalmente, as emissões atmosféricas diminuem em 75%. Quando se recicla vidro, poupa-se 3% da energia utilizada para o fabrico do vidro, 1,2 toneladas de areia. Igualmente as emissões atmosféricas diminuem em 20%. O plástico, ao ser reciclado, consegue fazer com que se poupe 130kg de petróleo, o consumo de energia reduz entre 20% a 50% e há uma poupança de 95% da água. (Lipor, 2009).

Sousa et al (2016), defende que a reciclagem reduz a utilização dos aterros sanitários. Um aterro sanitário é um local específico onde todo o tipo de lixo é depositado, sem qualquer tratamento ou triagem e, ao reduzir-se a utilização destes locais, consegue-se prolongar a vida útil dos resíduos. Para os autores, a reciclagem tem benefícios ainda maiores do que qualquer outro tipo de tentativa para a diminuição dos problemas ambientais do planeta. Assim:

(...) a reciclagem implica uma redução significativa dos níveis de poluição ambiental e do desperdício de recursos naturais, através da economia de energia e matérias-primas (Sousa et al (2016),s/p).

Contudo, como qualquer tipo de indústria, é de salientar que a reciclagem tem custos mais elevados que a simples recolha dos lixos urbanos. O que muitas vezes

acontece é que algumas iniciativas comunitárias ou empresariais podem reduzir os custos que esta abrange, ajudando a cobrir as despesas que esta acarreta.

4.3 Como se recicla?

Com a existência dos quatro ecopontos com diferentes cores que podem ser encontrados em muitos locais, torna-se mais fácil para quem não teve contato com a informação saber como e o que reciclar. A Lipor (2009) desenvolveu um guião, onde explicita como se deve reciclar:

- No ecoponto amarelo deverá depositar-se garrafas e/ou frascos de plástico, sacos, esferovite, metal e embalagens de leite, sumo e vinho;
- No ecoponto verde é possível deixar garrafas, frascos ou boiões de vidro;
- No ecoponto azul, tudo o que seja de papel como caixas, sacos, papel de escrita, jornais ou revistas.

Mais recentemente começa a verificar-se a existência de um ecoponto mais pequeno colado num dos anteriores referidos. Esse ecoponto está destinado à recolha de pilhas.

Depois de serem recolhidos pelos camiões de lixo, todos os resíduos seguem para uma Estação de Tratamento de Resíduos – ETR – onde, no primeiro passo, se realiza a triagem. Assim, um centro de triagem é:

(...) a unidade operacional que recepciona os resíduos devidamente separados pela população e provenientes dos circuitos de recolha selectiva. Papel, cartão, plásticos e metal dão aqui o primeiro passo na cadeia da reciclagem que os fará voltar ao mercado e aos consumidores. (Lipor, 2009, pág. 72)

Depois de serem separados, os materiais são prensados para que possam ser enviados para as indústrias de reciclagem e serem processados e transformados em novos produtos.

Este tipo de resíduos são conhecidos como RSU – Resíduos Sólidos Urbanos – que se podem dividir em resíduos domésticos, de origem comercial, de origem industrial, de origem hospitalar ou de origem agrícola. Existem, ainda, os RI – Resíduos Industriais –

que resultam dos processos produtivos industriais, os RH – Resíduos Hospitalares – produzidos em unidades de saúde e os RA – Resíduos Agrícolas – que são gerados em processos de atividade agrícola.

O papel reciclado consegue dar origem a mais papel, evitando o abate de árvores. Permite, depois de reciclado, a produção do cartão, livros, cadernos ou guardanapos, por exemplo. Todo o vidro reciclado vai originar novas embalagens de vidro. Por fim, o plástico dá origem a mobiliário, material de escritório, vestuário e novas embalagens de plástico.

Dados estatísticos indicam que, em Portugal, se registou uma melhoria significativa relacionada com a reciclagem.

Tabela 1 – Percentagem de resíduos urbanos recolhidos seletivamente e percentagem de resíduos urbanos reciclados:

Anos	% resíduos urbanos recolhidos seletivamente	% de resíduos urbanos reciclados
2003	4,8	4,8
2004	6,9	6,9
2013	12,8	12,9
2014	Pro 13,6	Pro 16,2

Fonte: PORDATA, 29 de outubro de 2016⁶

A partir da tabela apresentada, consegue perceber-se que em 10 anos, a percentagem de resíduos urbanos recolhidos seletivamente e reciclados, aumentou quase 10%. Verifica-se que, no caso de 2003 se registava 4,8% de resíduos urbanos reciclados e recolhidos seletivamente. Em 2014 (ano mais recente de dados encontrados) estimava-se que 13,6% dos resíduos fossem recolhidos seletivamente e 16,2% dos resíduos urbanos reciclados.

Estas são algumas das provas de que a população, nos anos mais recentes, tem vindo a preocupar-se mais com a reciclagem dos resíduos que produz nas habitações domésticas. Contudo, são números ainda bastante baixos, o que continua a ser

⁶ Informação disponível em:

[http://www.pordata.pt/Portugal/Res%C3%ADduos+urbanos+recolhidos+seletivamente+ou+reciclados+\(percentagem\)-1228](http://www.pordata.pt/Portugal/Res%C3%ADduos+urbanos+recolhidos+seletivamente+ou+reciclados+(percentagem)-1228)

preocupante não só ao nível local, como para todos os efeitos secundários que a falta de reciclagem pode acarretar.

A VALORSUL, na sua área de abrangência (catorze municípios), conta com 7094 contentores para a recolha seletiva, dois centros de triagem para o tratamento dos resíduos recolhidos, duas estações de tratamento e valorização orgânica dos materiais, uma central de valorização energética, uma instalação de tratamento e valorização de escórias (um tipo de material presente nos resíduos), dois aterros sanitários, seis estações de transferência de resíduos e dez ecocentros⁷. É, assim, possível compreender a forma empenhada de como a VALORSUL pretende contribuir para diminuir os riscos de poluição nos municípios que abrange.

Os centros de triagem, situados no Lumiar e Cadaval, são locais que o público escolar pode visitar a fim de conhecer o percurso que os resíduos recolhidos seletivamente sofrem até ganharem uma nova vida. Desta forma, existe a oportunidade de conhecer na realidade aquilo que é explorado nas escolas. Contudo, as visitas são, apenas, para o público escolar a partir do 5º ano do 2º ciclo do ensino básico.

Ao procurar responder a cada pergunta que coloco no início de cada ponto, tornou-se mais claro o que poderia transmitir às crianças quando estivesse a trabalhar no meu projeto. Assim, abordei as questões de como é que se recicla, quais os ecopontos existentes, quais os seus benefícios e todas as etapas da reciclagem para, também, utilizar esta informação na parte mais prática do meu projeto.

⁷ Informação disponível em: <http://www.valorsul.pt/pt/o-sistema.aspx>

PARTE II - O projeto “Creche a Reciclar”

A segunda parte deste trabalho encontra-se dividida em dois capítulos distintos onde apresento o projeto “Creche a Reciclar”. Esta parte encontra-se dividida em dois capítulos, sendo o primeiro dedicado ao contexto de estágio e o segundo às fases que constituíram o trabalho de estágio.

Capítulo V - A Creche & Aparece

Este capítulo divide-se em quatro questões que me parecem fundamentais: “O que é a Creche & Aparece?”, “Como se caracteriza a população escolar da Creche & Aparece?”, “Como é a Sala Vermelha da Creche & Aparece?” e, ainda, “Quais são as rotinas?”.

Pretendo, com este capítulo, explicar da forma mais detalhada possível ao leitor o local onde estagiei, não só em termos de espaço, das características da comunidade e do tempo.

5.1 O que é a Creche & Aparece?

De acordo com o Projeto Educativo da Creche & Aparece para 2016-2019, a criação desta instituição remonta a dezembro de 2010, sendo o resultado de uma vontade partilhada entre dois colegas de escola e faculdade, licenciados em gestão, que tinham o desejo de criar o seu próprio negócio. Com experiência empresarial ao nível multinacional de cerca de três anos, pretendiam com este seu projeto garantir uma oferta de serviços únicos de educação de primeira infância através de um conceito pedagógico de excelência e inovador⁸.

De forma a darem resposta às suas pretensões, formaram uma equipa multidisciplinar com o propósito de alcançar os objetivos propostos. Criada, então, uma equipa composta por pessoas com grande experiência na área pedagógica e técnica, sempre foi vontade dos fundadores da Creche & Aparece que existisse uma relação muito próxima entre os seus funcionários e todos os que frequentassem a creche (pais e famílias das crianças). Esta vontade visou satisfazer as necessidades das crianças, enquanto se diferenciam do mercado deste tipo de serviços.

A instituição denominou-se assim, de Creche & Aparece, integrando crianças dos 3 meses aos 6 anos. É uma instituição particular com fins lucrativos, localizada no Parque das Nações (Rua do Pólo Norte, nº 10). À volta desta instituição existem bastantes espaços de lazer, zonas comerciais, empresariais e zonas de residência. A Creche & Aparece

⁸ Informação disponibilizada pela Creche & Aparece, através de um documento ilustrativo da história da criação da instituição;

beneficia assim desse mesmo meio envolvente para acolher quem ao seu redor estiver à procura de um serviço de educação infantil diferenciado.

A Creche & Aparece tem como principal missão prestar um serviço de excelência no ensino da primeira infância. Este serviço, de acordo com os princípios da instituição, deverá ser inovador e diferenciador de maneira a satisfazer as necessidades diárias exigentes quer das crianças, quer dos pais.

Assim, esta instituição tem descrito como os seus objetivos⁹:

- Estimular o desenvolvimento global da criança respeitando as suas características individuais;
- Desenvolver a expressão e comunicação (expressão motora, plástica e linguagem);
- Promover o desenvolvimento pessoal e social da criança numa perspetiva para a cidadania;
- Fomentar a socialização estimulando a integração da criança com o outro e com o meio;
- Criar condições de integração das crianças no grupo;
- Fomentar atividades de grupo como fator de desenvolvimento da socialização;
- Interiorizar as rotinas;
- Desenvolver capacidades de autonomia;
- Promover hábitos de higiene;
- Utilizar as capacidades sensitivas do corpo para o conhecimento dos objetos;
- Desenvolver a linguagem e fomentar o diálogo;
- Estimular a imaginação e a criatividade;
- Utilizar diferentes técnicas de expressão;
- Desenvolver noções de espaço e de tempo;
- Estimular a coordenação visual - motora;
- Desenvolver capacidades motoras globais e finas;

⁹ Informação disponível em: <http://www.creche-e-aparece.com/sobre-nos/>

- Descobrir / conhecer pessoas, animais, objetos e o mundo em geral;
- Desenvolver e estimular a atenção e a concentração;
- Estimular a sensibilidade e o respeito pelo outro;
- Incentivar a participação da família;
- Proceder à despistagem da inadaptação, deficiência ou precocidade e promover a melhor orientação e encaminhamento da criança.

5.1.1 Quais são as valências da instituição?

Enquanto agente de educação, a Creche & Aparece disponibiliza dois tipos de valências para o público a que se destina (crianças dos 3 meses aos 6 anos de idade).

Quadro 1: Valências da Creche & Aparece¹⁰

Creche	<ul style="list-style-type: none"> • Destinada a crianças dos 3 meses aos 3 anos; • Pretende-se garantir que as experiências e rotinas diárias das crianças asseguram a satisfação das suas necessidades.
Jardim-de-infância	<ul style="list-style-type: none"> • Destina-se a crianças dos 3 anos até à idade de ingressar no ensino básico; • Assegura-se uma resposta educativa adequada, ajustada, abrangente, globalizante e integradora que assegure o desenvolvimento da criança.

Integrada em cada uma destas valências existem atividades extra comuns a cada uma que não estão incluídas na mensalidade da instituição. Essas atividades (tanto para a creche, como para o jardim-de-infância) são as seguintes: psicomotricidade, informática, iniciação do inglês, música.

Existe, ainda, a possibilidade de, como extra, ter acesso, no caso da creche, à confeção do jantar da criança, natação uma vez por semana, serviço de *baby-sitting*,

¹⁰ Informação disponibilizada pela Creche & Aparece, através de um documento referente à criação da instituição.

organização de festas e transporte diário. Relativamente ao jardim-de-infância são oferecidas como serviços extra a confeção do jantar da criança, natação uma vez por semana, inglês duas vezes por semana, dança criativa, miniténis e o transporte diário.

De forma a dar respostas educativas a estas duas valências, a Creche & Aparece assenta as suas estratégias de intervenção em dois modelos pedagógicos diferentes: o MEM, como anteriormente apresentado, e o Modelo Pedagógico *HighScope*, que se centra numa pedagogia de descoberta onde a aprendizagem é perspectivada como um processo de ação, no qual a criança age e interage com o seu mundo envolvente, de forma a construir o seu conceito de realidade que, à medida que vai sendo construído, vai sendo cada vez mais elaborado (Serrão, 2009).

O educador tem a responsabilidade de preparar os espaços e os materiais da sala, dando autonomia às crianças, sendo um elemento ativo na tomada de decisões e nas iniciativas que ele próprio terá. As salas de educação de infância estão pensadas numa organização construtivista, existindo áreas distintas de atividades que oferecem diferentes aprendizagens curriculares às crianças (Formosinho, 1996).

5.1.2 Como se caracterizam as instalações?

Esta instituição apresenta as suas instalações divididas por grandes áreas. Existem as áreas comuns: zona de refeições, a zona exterior de recreio e atividades ao ar livre. De salientar que estas zonas existem tanto no rés-do-chão como no primeiro andar. Estas áreas estão destinadas a toda as crianças da Creche & Aparece. A instituição ocupa um edifício de dois andares, sendo que no piso do rés-do-chão se encontram as salas de jardim-de-infância e, no primeiro piso, salas de creche e berçário.

No primeiro piso da Creche & Aparece, podemos encontrar um berçário com a zona dos berços para os bebés, uma sala de higienização para troca de fraldas e a copa de leite para alimentação dos bebés. No mesmo andar existe, ainda, uma sala para crianças dos 18 aos 24 meses e duas salas para crianças dos 24 aos 36 meses. Dispõem, também, de um WC infantil e outro para os funcionários.

Na área do jardim-de-infância – rés-do-chão - é composta por três salas (para as crianças dos três, quatro e cinco anos de idade) e cada sala tem uma disponibilidade para 25 crianças. É de salientar que, com o início do ano letivo 2016-2017, a sala dos meninos de cinco anos (a Sala Vermelha) estava, também, destinada a dois meninos de três anos.

Desta forma, esta instituição pretendia instituir um novo modelo que passava por constituir turmas heterogêneas em termos de idades.

Por fim, ainda podemos encontrar no mesmo andar a zona do refeitório para almoços e lanche, um WC infantil, um vestiário com WC para os funcionários, os gabinetes da direção e uma receção.

Figura 1 – Planta do Rés-do-Chão da Creche & Aparece

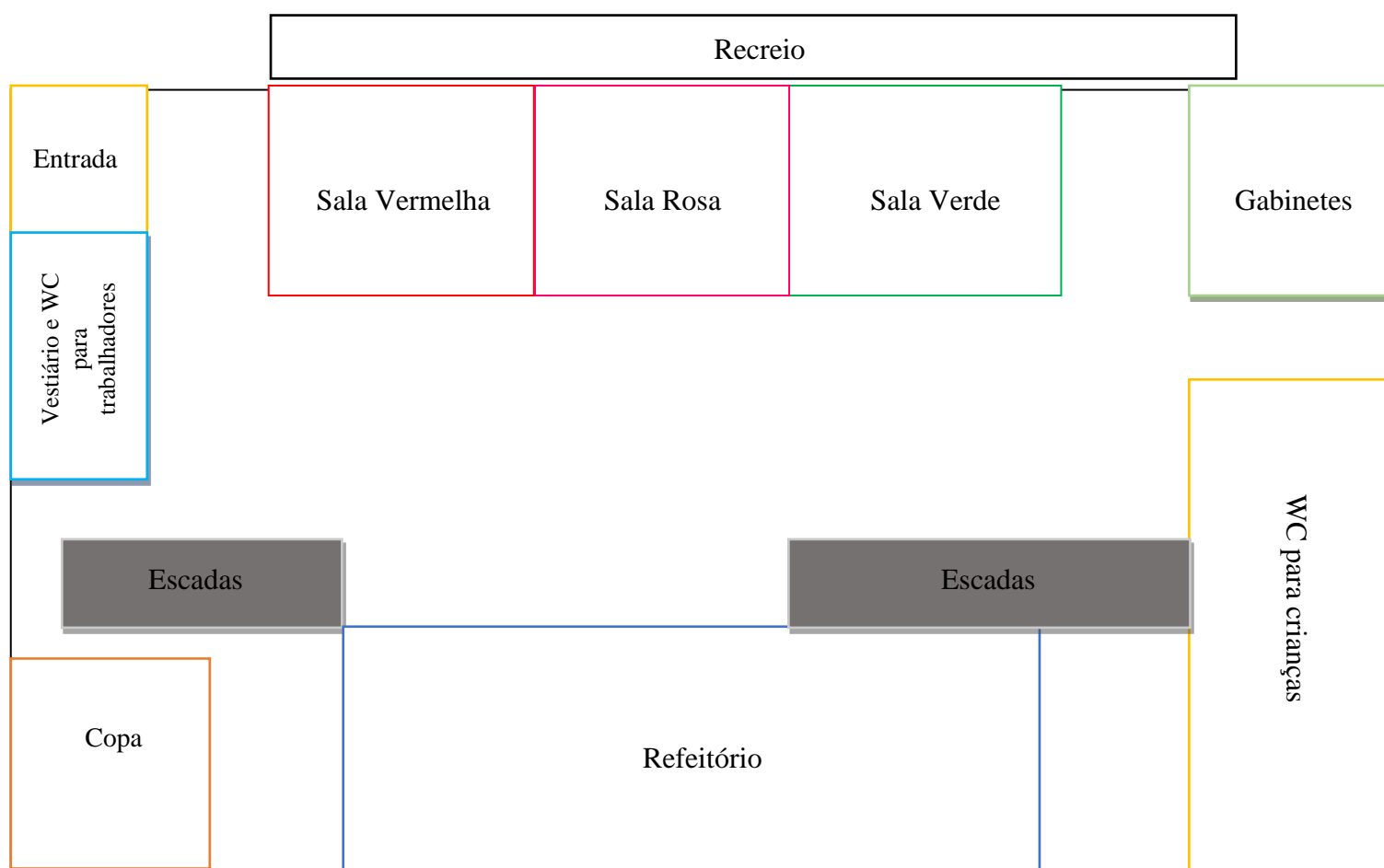
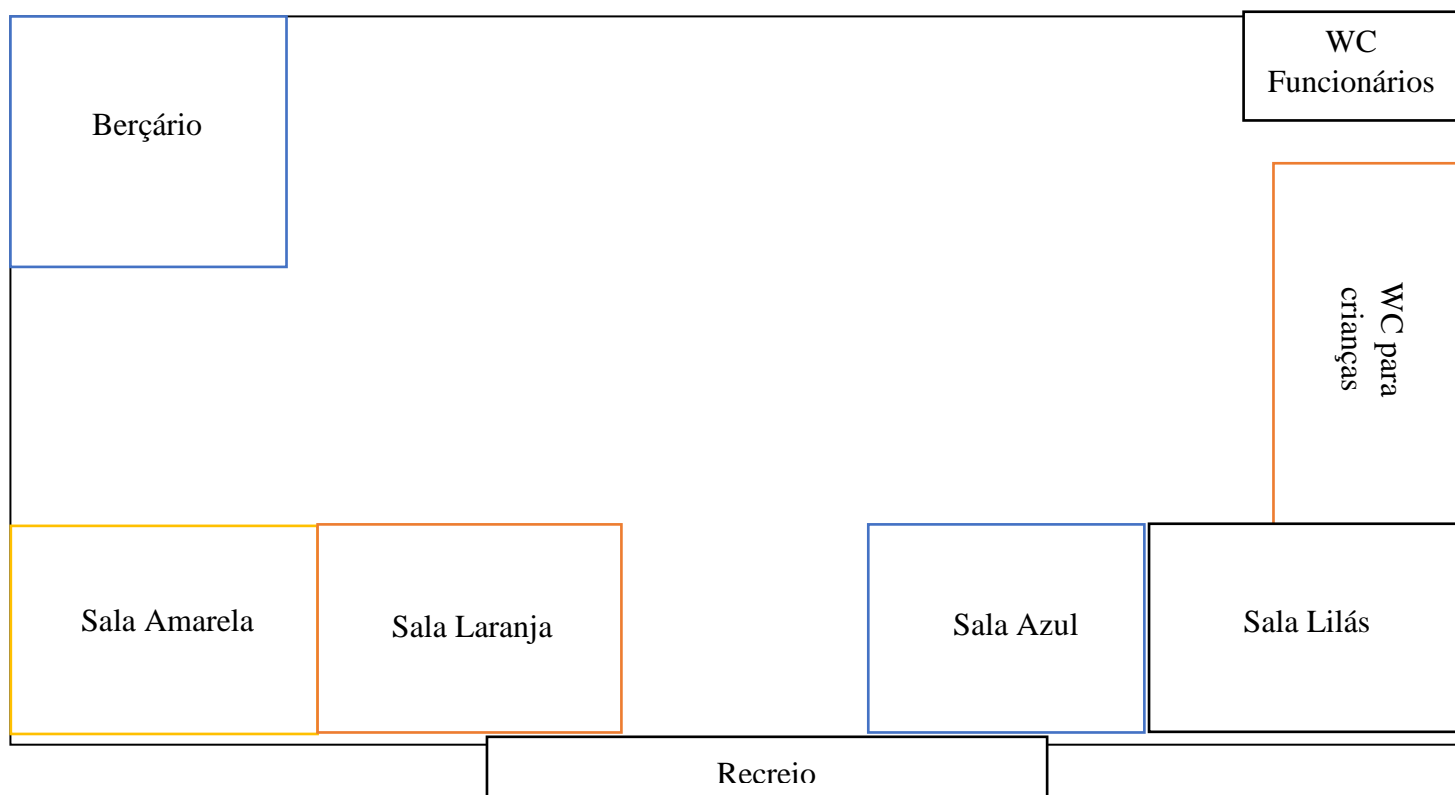


Figura 2 – Planta do primeiro andar da Creche & Aparece



5.2. Como se caracteriza a população escolar da Creche & Aparece?

A Creche & Aparece integra três membros de direção. A instituição tem capacidade para 149 crianças com idades compreendidas entre os três meses e seis anos de idade, sendo que as crianças se encontram divididas entre as valências de creche e jardim de infância.

Assim, a tabela seguinte ilustra quantas crianças existem, à data do meu estágio, na Creche & Aparece:

Tabela 2 – Crianças inscritas na Creche & Aparece em 2016-2017

Valência	Sala	Número de Crianças
Creche	Berçário	10
	Amarela	14
	Laranja	15
	Azul	18
	Lilás	18
Jardim de Infância	Verde	25
	Rosa	25
	Vermelha	21
Total		146

A Creche & Aparece conta, ainda, com uma educadora e auxiliar por cada sala, duas funcionárias de limpeza, uma funcionária da copa e uma funcionária polivalente. Para as atividades extra, as crianças contam com uma professora de inglês, dois professores de mini tênis, duas professoras de música e uma professora de dança.

5.3. Como é a Sala Vermelha da Creche & Aparece?

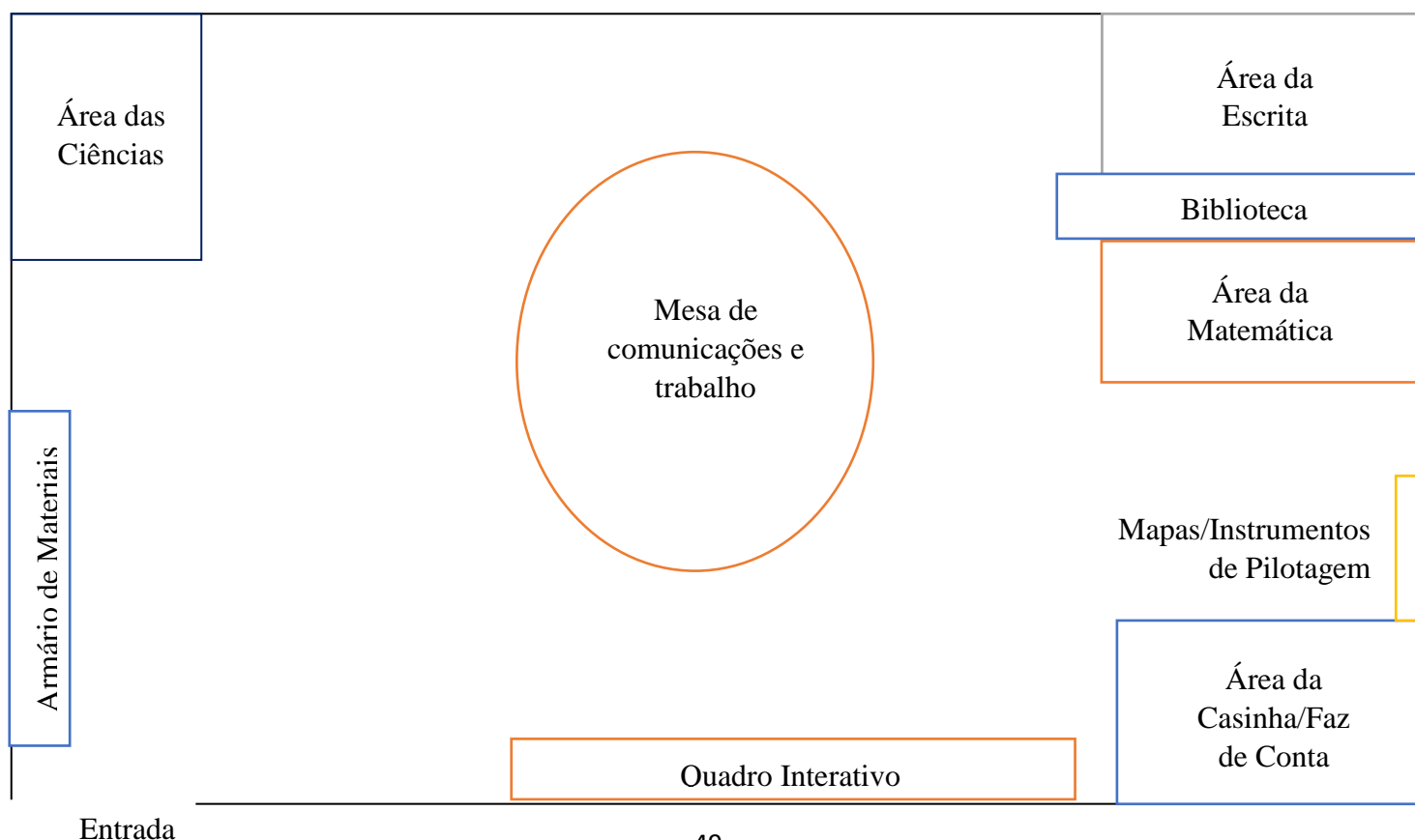
A partir da minha 1ª nota de campo, é possível obter uma descrição detalhada da Sala Vermelha da Creche & Aparece. Assim, a sala organizava-se da seguinte maneira:

A sala tem bastante espaço, a mesa encontra-se a meio da sala, mais ou menos, e de um dos lados há um armário onde a educadora guarda os seus materiais pessoais e do outro lado o armário com lavatório para que possam beber água, já que os copos com os nomes dos meninos se encontram ao lado.

Assim que entramos na sala, do lado direito existe um quadro retroprojeter e ao seu lado a área da casinha. Ao lado do armário da educadora, existe a área da matemática, seguida da pequena biblioteca e da área da escrita, no canto oposto ao da casinha. É perceptível que em cada uma destas áreas existem jogos e atividades relacionadas com as mesmas e que existe o número a indicar quantos meninos podem estar ao mesmo tempo na área.

Do outro lado, no canto em frente ao da área da escrita, encontra-se a área das ciências onde podem fazer experiências ou ver os animais. Têm, nesse espaço, um aquário com dois peixes. Junto do armário do lavatório, do lado direito da porta, existe um outro armário com vários materiais que os meninos podem pegar: canetas de feltro, lápis de cor, lápis de cera, tesouras de pontas redondas ou pincéis.” (Anexo I – Notas de Campo – 1ª nota de campo)

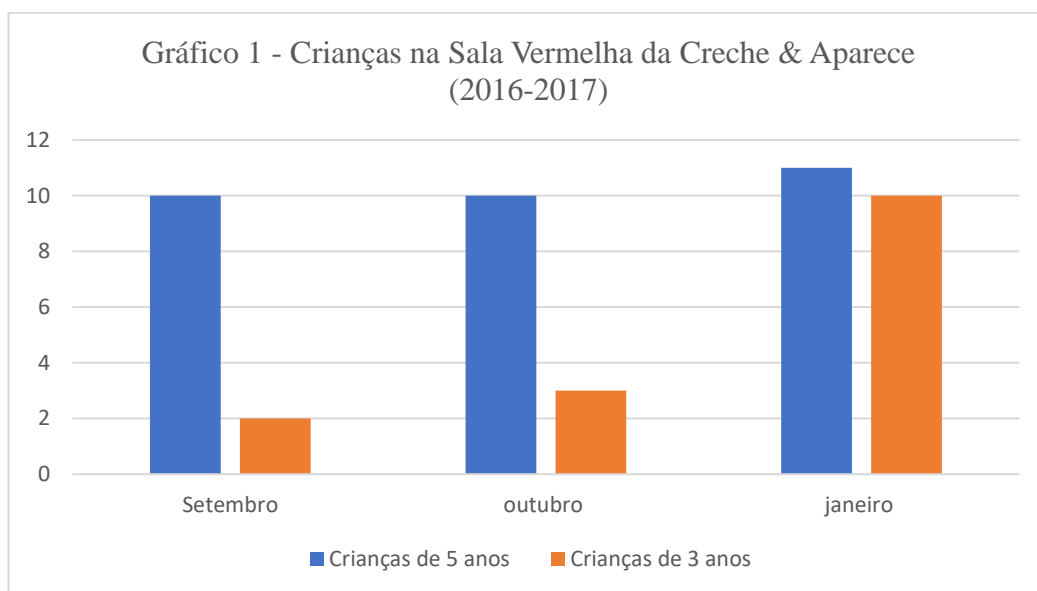
Figura 3 – Planta Sala Vermelha da Creche & Aparece



Nesta sala trabalhavam uma educadora e uma auxiliar de ação educativa. Tratava-se de uma sala com um projeto piloto na instituição. Pela primeira vez na Creche & Aparece, implementou-se uma sala heterogênea em termos de idade. No início do ano letivo, em setembro de 2016, a turma era constituída por dois meninos com três anos de idade e 10 com cinco anos de idade.

No início de outubro de 2016, a turma passou a integrar três meninos de três anos e 10 com cinco anos de idade. No final de janeiro de 2017, existiram diversas alterações nas salas da Creche & Aparece. Nas salas da valência de creche, algumas crianças passaram de umas salas para outras, fazendo com que a sala dos três anos ficasse sobrelotada; houve, também, a entrada de uma criança de cinco anos para o grupo. Por estes motivos, seis crianças de seis anos se juntaram ao grupo da Sala Vermelha, passando a ser constituído por 11 crianças de cinco anos e 10 com três anos.

O gráfico seguinte ilustra estas mudanças na constituição do grupo ao longo do tempo:



5.4 Quais são as rotinas?

A Creche & Aparece abre todos os dias úteis das 7h30 às 19h30. No caso da Sala Vermelha, as crianças que nela se encontravam começavam a chegar por volta das 9h, podendo entrar até cerca das 10h30.

Todas as manhãs cada criança era responsável por marcar a sua presença no mapa de presenças e, por volta das 11h30 o presidente eleito no conselho e o ajudante colocavam a mesa para, às 12h00 todos irem almoçar. Nesse momento todas as crianças da Creche & Aparece estavam presentes no refeitório depois de uma ida à casa de banho para lavagem das mãos.

De seguida, todas as crianças da Creche & Aparece faziam a sesta. Contudo, as crianças de cinco anos da Sala Vermelha não o faziam, ocupando a sua tarde com atividades curriculares ou exploração das áreas.

É de salientar que todos os dias, ou no início da manhã ou na parte da tarde, as crianças tinham as atividades extracurriculares. No caso da Sala Vermelha, estas organizavam-se da seguinte forma:

Tabela 3 – Atividade extracurriculares da Sala Vermelha na Creche & Aparece (2016-2017)

Segunda-feira	Terça-feira	Quarta-feira	Quinta-feira	Sexta-feira
Minitenis pela manhã	Música	Natação	Miniténis da parte da manhã	Sem atividades
Inglês da parte da tarde para as crianças de cinco anos	Dança Criativa dos cinco anos		Inglês da parte da manhã para os de três anos e de tarde para os de cinco	

Por volta das 16h seguia-se o momento do lanche onde voltavam a estar todas as crianças juntas, regressando depois à sala. A partir das 17h começavam a chegar alguns pais para levarem as crianças para casa.

A Sala Vermelha tinha um planeamento de atividades semanal em que era possível perceber que, à segunda-feira, da parte da manhã, se fazia uma reunião de acolhimento, contando com espaço para a planificação do dia e projetos; havia, ainda, espaço para atividades de tempo compartilhado de linguagem oral e abordagem à escrita. É de salientar que todas as segundas feiras, de manhã, as crianças faziam o registo do fim de semana. Depois do almoço, havia a aula de inglês e espaço para comunicações.

Às terças-feiras, existia a reunião matinal de acolhimento, que por vezes dava espaço a que a educadora pudesse contar uma história, seguindo-se a aula de ginástica. Depois de almoço e da sesta das crianças de três anos, havia a aula de música e a aula de dança. Às quartas feiras, seguia-se a planificação de segunda-feira, substituindo as atividades de escrita por atividades de matemática ou culinária. Na quinta-feira, dava-se espaço às ciências e nas sextas, para além da reunião de conselho, existiam as atividades de expressão artística.

Existia, na Sala Vermelha, um mapa que ilustrava esta mesma organização do tempo:

Imagem 8 – Agenda Semanal na Sala Vermelha da Creche & Aparece (2016-2017)

Segunda-feira	Terça-feira	Quarta-feira	Quinta-feira	Sexta-feira	Sábado	Domingo
Reunião (Acolhimento) Planificação do dia Projetos/Áreas da sala Tempo compartilhado (Linguagem oral, abordagem à escrita) Mini-tenis	Reunião (Acolhimento) Planificação do dia Ginástica	Reunião (Acolhimento) Planificação do dia Projetos/Áreas da sala Tempo compartilhado (Matemática, culinária)	Reunião (Acolhimento) Planificação do dia Projetos/Áreas da sala Tempo compartilhado (Ciências, Atividade cultural)	Reunião (Acolhimento) Planificação do dia Conselho de Sexta-feira Mini-tenis Projetos/Áreas da sala Tempo compartilhado (Expressão Artística)		
Aula de Inglês Comunicações/avaliação	Almoço Aula de música Compasso Aula de dança	Comunicações/avaliação	Aula de Inglês Comunicações/avaliação	Comunicações/avaliação		

À medida que o meu estágio se foi desenvolvendo, fui conhecendo a realidade daquela entidade. Foi possível perceber que as salas não excediam as 25 crianças e que se procurava ter grupos mais pequenos na valência de creche. Percebia-se, também, que o número de funcionários estava muito associado às necessidades que as crianças tinham. A instituição tinha uma rotina muito definida, sendo que poderia mudar, dependendo das necessidades de cada sala (caso das saídas).

Procurei também descrever detalhadamente a Sala Vermelha, sendo o espaço onde estive no tempo do meu estágio.

Capítulo VI – Fases do Estágio

Este capítulo encontra-se dividido em dois pontos. O primeiro, onde descrevo os acontecimentos que entendi que merecem destaque e que ocorreram ao longo do meu estágio, organizando-os de forma cronológica. O segundo ponto, apresenta o projeto “Creche a Reciclar” que desenvolvi junto das crianças da Sala Vermelha da Creche & Aparece.

Com este capítulo pretendo descrever os vários momentos do meu estágio, destacando o projeto que me propus a realizar.

6. Descrição de acontecimentos

O meu estágio na Creche & Aparece, iniciou-se em setembro de 2016 e terminou em junho de 2017. Foi estabelecido, em acordo com a educadora logo de início, que eu estaria na instituição quatro dias por semana (de segunda-feira a quinta-feira), iniciando o dia às 10h00 e terminando às 16h00.

Apresento, de seguida, o cronograma com os acontecimentos que marcaram o meu estágio:

Tabela 4 – Cronograma de Estágio

Estágio Acadêmico na Creche & Aparece												
	2016						2017					
Principais acontecimentos	Mai.	Jun.	Set.	Out.	Nov.	Dez.	Jan.	Fev.	Mar.	Abr.	Mai.	Jun.
Escolha do campo de estágio												
Entrevista com coordenadora pedagógica sobre o meu estágio												
Comunicação da decisão final												
Estabelecimento de protocolo entre a faculdade e instituição												
Início do estágio												
Observações												
Caraterização da instituição												
Revisão da literatura												
Participação em atividades da Sala Vermelha												
Planificação do projeto a aplicar												
Apresentação do projeto à educadora												
Aplicação da primeira atividade do projeto												

Entrevista à Educadora												
------------------------	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--

Poderei dizer que o meu estágio foi dividido em três partes distintas, sendo que, numa primeira parte me dediquei a observações e ao reconhecimento da instituição, de forma a conhecer as crianças que constituíam a Sala Vermelha, a educadora e a auxiliar, bem como as rotinas que a sala apresentava. Ao ter começado o estágio a uma segunda-feira, consegui perceber que haveria logo uma tarefa dedicada a este dia, o registo do fim de semana e que as crianças ficavam todas em torno da mesa no centro da sala.

“Uma mesa oval, onde os meninos se sentaram à sua volta bem como a educadora, a auxiliar e eu mesma. A educadora disse que iriam fazer o registo do fim-de-semana (...). Individualmente, começaram a relatar à educadora, o que tinham feito no fim de semana que havia passado. A educadora tinha várias folhas na sua posse, com várias linhas e ia escrevendo o que eles lhe diziam deixando uma linha de intervalo em branco entre cada frase. Assim que entregou a primeira folha ao primeiro menino, percebi que teriam de copiar as letras do que acabara de escrever. A educadora explicou, ainda, que teriam de fazer a ilustração do que se tinha passado no fim-de-semana.” (Anexo I – Notas de Campo - 1ª nota de campo)

Também no meu primeiro dia fiquei a saber que às sextas-feiras existia o Conselho de Turma, que as presenças tinham de ser marcadas todos os dias da parte da manhã e que, todos os dias, os responsáveis pela tarefa de colocar a mesa tinham de o fazer por volta das 11h30.

Na Sala Vermelha existia uma calendarização semanal do que acontecia nos vários dias da semana, onde se conseguia perceber que a parte da manhã estava dedicada aos projetos e que, estes, eram propostos ou pela educadora ou pelas próprias crianças. Junto dessa calendarização, estava disponível a lista de projetos que a sala tinha planeados de forma a ter a informação visível para as crianças e os próprios pais.

Durante o período em que me dediquei apenas às observações, sem participar ativamente nas atividades da sala, consegui perceber o funcionamento daquela sala. Por ser uma turma heterógena, nem sempre era fácil seguir o plano diário estipulado. Com as observações que fiz, deu para perceber que, às segundas-feiras as crianças tinham atividades extra, como era o caso do mini ténis e do inglês. Também neste dia dava-se

importância à escrita e à expressão oral, sendo o dia dedicado ao registo do fim de semana. Às terças-feiras, as crianças tinham a aula de música e dança, sendo que as atividades em sala aconteciam, sobretudo, da parte da manhã e eram dedicadas à ginástica. Às quartas-feiras, as crianças tinham natação da parte da tarde (fora do recinto da Creche & Aparece), sendo que o tempo em sala de aula era dedicado a atividades de matemática e/ou culinária. Às quintas-feiras, as crianças tinham inglês e o tempo em sala era ocupado com atividades culturais. Por fim, às sextas-feiras, as crianças não tinham atividades extra e o tempo em sala encontrava-se dividido da seguinte forma: da parte da manhã, as crianças reuniam-se para o Conselho de Turma e para as atividades de expressão artísticas e da parte da tarde, aconteciam as comunicações.

Com estas rotinas, depressa compreendi que aquilo que se verificava na Sala Vermelha ia ao encontro do que Folque (2014) defende relativamente às rotinas em sala no jardim de infância. Ao referir que todos os passos da planificação onde, em primeiro lugar, haverá um momento de atividades e projetos, sendo seguido de um tempo para as comunicações e, a parte da tarde dedicada às atividades culturais. As crianças da Sala Vermelha ao terem as atividades extra da parte da tarde, estão em contato com a cultura.

Ao estar tanto tempo em contato com esta realidade, foi notório que a partir de dada altura começava a ser difícil seguir toda esta planificação previamente estruturada. Não só porque existiram imensas adaptações de crianças novas à sala ao longo do ano, mas porque as próprias crianças pediam à educadora ou à auxiliar para fazerem outros projetos.

Foi, a partir destas observações, que me pareceu que poderia realizar a avaliação do projeto da Sala Vermelha, já que se tratava de uma sala de MEM, com um grupo heterogéneo, algo que antes ainda não tinha acontecido. Depois de reunir com a coordenadora, percebi que não seria possível realizar esta minha primeira ideia mas, depois de uma conversa com a educadora, esta referiu que as crianças ainda não tinham abordados as questões da reciclagem. De fato, ao ver os projetos que as crianças pediram à educadora e aqueles que ela tinha planeados para eles, ainda não constava nada acerca deste tema.

Muitas das atividades que as crianças realizavam no seu dia a dia, partem das suas vontades e, sempre, depois de a educadora os questionar sobre o que pretendiam realizar naquele momento.

“Percebendo que já estavam a dispersar, a educadora pergunta o que é que querem fazer e surge a ideia de um deles de fazer histórias.” (Anexo I – Notas de Campo - 4ª nota de campo)

Logo aqui se consegue perceber que os princípios do MEM estão bastante presentes, que ainda é possível realizar algumas atividades/iniciativas que este movimento sugere, mesmo que seja complicado, por vezes, seguir toda a base teórica do modelo pedagógico. Folque afirma que: “No seio do MEM, as práticas são permanentemente reflectidas e questionadas através de um processo contínuo de partilha e de aprendizagem conjunta” (Folque, 2014, pág. 37) Esta foi uma questão bem evidente, logo a partir dos primeiros dias de observações. Porque, ao questionarem a educadora sobre novos projetos ou novas atividades, as crianças procuravam sempre trazer coisas de casa que ajudassem nesse projeto/atividade e queriam que o máximo de crianças participasse nessa iniciativa.

Logo nos primeiros dias, notava-se que havia um caso especial em que uma criança precisava de estar mais ocupada do que as outras, de forma a não destabilizar o grupo de trabalho. A educadora procurava sempre questioná-la sobre o que desejava fazer e, depois de esta lhe dizer aquilo que pretendia fazer, tudo era colocado à sua disposição para que conseguisse realizar a sua atividade.

Ao longo do dia, as crianças desenvolviam diferentes atividades que não eram propostas pela educadora, nem pela auxiliar. As crianças tomavam iniciativa, indo explorar as distintas áreas da sala e realizando atividades que ali podiam fazer, mesmo sem estarem estruturadas, indo de encontro ao que o MEM assume ao proporcionar às crianças o papel de professoras de si mesmas, como se evidência nestas notas de campo:

“Enquanto uns procuravam desenvolver autonomamente a sua escrita (escrevendo o seu nome no cantinho da escrita) outros optaram por pegar em livros que têm o sistema solar e começaram a identificar os planetas do sistema solar e outros optaram ainda por fazer desenhos.” (Anexo I – Notas de Campo - 4ª nota de campo)

“Uma vez que queriam recortar pedaços de papel de folhetos de compras, a educadora aproveitou-os para, de tarde, resolverem um problema de matemática.” (Anexo I – Notas de Campo - 10ª nota de campo)

Foi importante, para mim, ter um primeiro momento em que me conseguisse dedicar apenas às observações daquilo que ia acontecendo na Sala Vermelha porque, só assim, consegui, por um lado, começar a visualizar na prática aquilo que os pressupostos do MEM indicam e, por outro, conhecer melhor cada uma das crianças. Depressa percebi que havia um caso especial, em que a criança em questão tinha grandes dificuldades em concentrar-se durante períodos de tempo mais longos e que, ao dispersar-se, acabava por dispersar as restantes crianças que estivessem a participar em atividades.

Uma outra questão que dificultou, algumas vezes, a aplicação dos projetos e das atividades, foram os períodos de adaptações de crianças que iam sendo inscritas na instituição. A educadora, como seria de esperar, dedicava-se a essas crianças para as adaptar à sala e às crianças, acabando por nem sempre terminar aquilo que estava a fazer ou a não conseguir realizar as tarefas planeadas para o dia.

Mas, por outro lado, é bom que estas adaptações sejam feitas com a presença das famílias, possibilitando a cooperação entre todos.

“Depressa a educadora focou-se na integração do menino na sala. Procurou, com ele, brincar com os outros meninos que exploravam as áreas, mostrar-lhe o que havia em cada área e o que poderia fazer nelas e, ainda, ajudou-o a dar comida aos peixes. Manteve-se sempre à conversa com os meninos e com a mãe deste novo que o acompanhou naquela manhã.” (Anexo I – Notas de Campo - 9ª nota de campo)

A partir de dado momento, comecei a apoiar a educadora e a auxiliar com as tarefas diárias, podendo assumir que então se iniciou a segunda parte do meu estágio.

Na Sala Vermelha, havia grande vontade de estudar as artes, sendo que já era algo que acompanhava as crianças desde as outras salas onde estiveram antes de fazerem os cinco anos e passarem para essa sala. Um dos primeiros momentos em que me envolvi

mais nas atividades das crianças foi quando estas pediram mais informação sobre o pintor que estavam a trabalhar naquele momento: Jackson Pollock. A educadora pediu-me que me sentasse com algumas crianças na área da matemática e lhes lesse a informação que ela tinha preparado para eles e, no fim, fizesse o registo daquilo que eles tinham conseguido reter de informação para expor mais tarde na sala.

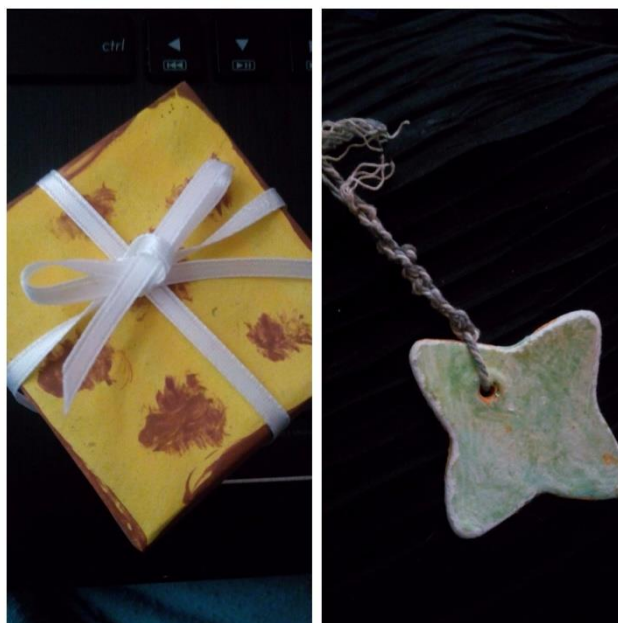
“No fim de lhes ler mais de uma vez aquele documento, comecei a perguntar-lhes algumas coisas (como ‘onde nasceu?’, ‘onde estudou?’, ‘como pintava?’), ao que eles me foram respondendo e eu fui registando tudo numa grande folha para depois ficar exposta junto do trabalho que fizeram.” (Anexo I – Notas de Campo - 17ª nota de campo)

Este momento foi muito importante para mim, não só por me ter sido confiada aquela tarefa, mas porque as crianças já se mostravam muito à vontade comigo e a aceitarem que eu lhes fizesse as perguntas. Senti, também, alguma autonomia da minha parte, já que a educadora não me disse o que teria de estar na folha que resultou daquele trabalho.

No MEM, atribui-se grande valor às atividades culturais e de expressão artística. Podemos verificar que na Sala Vermelha, na agenda semanal (imagem 8), existiam dois dias dedicados a atividades desta natureza. Para Folque, existirem atividades desta natureza, faz com que se consiga “perspectivar a aprendizagem como um processo sociocultural e participativo em que os grupos não só têm acesso aos conhecimentos socioculturais da sociedade, como também os reconstroem” (Folque, 2014, pág. 51)

Na semana de 06/11/2016 a 11/11/2016, houve uma grande azáfama na Sala Vermelha, uma vez que nos dedicámos à feira de São Martinho que aconteceu no dia 11/11/2016. Desta forma, apoiei as crianças na pintura dos porta-chaves que fizeram, na dobragem de caixas de embrulho e na confeção de bolachas. Posteriormente, consegui ainda apoiar a educadora na preparação da “banca de feira” que colocámos à porta da sala de forma a receber os pais das crianças.

Imagem 9 – Trabalhos do São Martinho



Foi importante, ainda, a colaboração da mãe de uma das meninas da sala, já que esta é designer de bolos e ajudou as crianças na confeção de bolachas para colocarem na sua banca de São Martinho, como se pode ler nesta nota de campo:

“Na sexta-feira, dia da feira, ainda se fizeram bolachas com cobertura de pasta de açúcar. A mãe da E. foi quem ajudou neste processo, uma vez que é especialista no assunto e conseguiu ensinar às crianças como fazer este tipo de bolachas.” (Anexo I – Notas de Campo - 27ª nota de campo)

Ao longo das seguintes semanas fui apoiando a educadora e a auxiliar nas atividades que as crianças desenvolviam, começando a surgir ideias para o meu projeto. Para a implementação do meu projeto na Creche & Aparece, o tema da reciclagem surgiu como relevante. Foi-me, inclusive, indicado que contasse com o apoio das famílias das crianças que estavam a trabalhar na área do projeto que iria iniciar.

Na semana de 12/12/2016 a 16/12/2016 assumi um papel mais importante na sala, uma vez que começámos a tratar de todos os preparativos para a festa de natal que aconteceu dia 16/12/2016. Fiquei, nessa mesma semana, alguns dias a apoiar mais intensivamente a educadora. Dessa forma, quando a educadora fazia a sua pausa de

almoço, ficava com as crianças e a realizar as fichas de atividades que a educadora deixava e, até mesmo, inventei algumas atividades que sabia que as crianças já tinham realizado e poderiam replicar.

“Fiquei com eles na hora a seguir ao almoço, já que a educadora foi almoçar, com a atividade do código das cores para fazer. Numa ficha, havia a sequência de cores que tinham de respeitar. Optei por trabalhar em pares. Enquanto dois faziam as fichas, os outros estiveram a explorar as áreas.

Quando todos terminaram esta atividade, a B. pediu-me para a lhe dizer as letras que constituíam o meu nome. Assim, juntei todos em torno da ardósia preta e estivemos a trabalhar as letras, de acordo com os nomes de todas as crianças da sala.”
(Anexo I – Notas de Campo - 31ª nota de campo)

A semana culminou com a festa de natal, onde assumi o papel de acompanhante de uma das crianças, já que a mãe não poderia estar presente.

“Todos os dias ensaiávamos para festa, ajudei na conceção dos fatos dos bonecos de neve, sendo que fui um deles já que os pais de um dos meninos não poderiam estar presente na festa. Os pais dos meninos foram todos participantes da festa, assim ele iria precisar de alguém que substitui-se o pai e eu exerci esse papel.

Para além dos preparativos com a festa, foi necessário terminar as decorações de Natal e colocá-las espalhadas pela creche, fazer atividades de letras e matemática com os meninos enquanto não estavam ocupados com a festa.” (Anexo I – Notas de Campo - 35ª nota de campo)

Senti que, no decorrer desta semana, havia muita agitação, uma vez que eu e a educadora ficamos alguns dias apenas as duas na sala. Senti, por parte da educadora, mais confiança quando fiquei com as crianças sozinha, ajudei na preparação da festa e com a dinamização das atividades. Foi, contudo, bastante exigente e cansativo porque não tinha

a mesma experiência que a auxiliar e a educadora para controlar todos os acontecimentos da sala.

Em janeiro, surgiu a pergunta das crianças de cinco anos “Porque é que caem os dentes?”. Esta pergunta proporcionou um novo projeto para a Sala Vermelha. A educadora começou por lhes explicar que a boca de crianças era diferente das bocas dos adultos e, por isso, começaram por desenhar os dois tipos de bocas em papel de cenário. As crianças fizeram esse desenho, tendo em conta imagens que a educadora lhes deu.

Um outro projeto que surgiu na Sala Vermelha foi proposto pelas crianças de três anos que começavam a falar sobre os animais da quinta, depois de os verem num livro disponível na sala, decorrendo este projeto ao mesmo tempo que o projeto dos dentes. Depois de ouvirem algumas histórias sobre a quinta e os animais que nela vivem, a educadora perguntou se gostariam de ir à Quinta Pedagógica dos Olivais e, não só as crianças de três anos se mostravam mais interessadas pelo tema, como as de cinco anos começaram a ajudar no projeto que foi, entretanto, criado.

De forma a aprofundar o tema do projeto dos dentes, que decorria ao mesmo tempo que aquele que incidia sobre os animais da quinta, a tia de uma das crianças trabalha numa clínica dentária e a educadora aproveitou para combinar um dia para lá ir à escola para falarem sobre os dentes. Assim, no dia 08/02/2017, deu-se a visita da higienista à creche.

“Depois de uma introdução e de um momento explicativo do que eram os dentes, de que tipo de alimentos beneficiam ou prejudicam a saúde oral e de como são formadas as cáries, as crianças assistiram a um vídeo sobre o tema.

Quando aquele vídeo terminou, a higienista passou por todas as crianças para escovarem um molde de dentadura em tamanho ampliado para aprenderem a escovar os dentes.”

(Anexo I – Notas de Campo - 59ª nota de campo)

Para o MEM, a escola deve proporcionar aprendizagens com significados diferentes e, o que verificamos, é que este tipo de atividades vai bastante ao encontro do que Folque assume como um dos principais papéis da escola: “O papel da escola deverá ser o de

proporcionar uma aprendizagem que tenha um significado social, através de uma troca de conhecimentos numa interação constante com a comunidade” (Folque, 2006, pág. 6).

Estes dois projetos culminaram no mesmo dia com a visita à Quinta Pedagógica dos Olivais e à clínica dentária onde a trabalhava a familiar de uma das crianças, como se depreende desta nota de campo:

“Ao longo da visita, foram vendo pavões, burros, coelhos, porcos, vacas, patos, cavalos, galinhas e galos, entre outros animais.

No fim da visita à quinta tiveram, ainda, a oportunidade de participar num atelier de tosquia da lã. Onde viram um pequeno vídeo de como se procedia à tosquia, à lavagem da lã e a todo o processo para a tornar naquilo que quisessem.

Sáímos da quinta pedagógica perto das 11h30, em direção de uma clínica dentária que existia ali perto. Um familiar de um dos meninos trabalha nesta clínica, pelo que nos foi possível fazer esta visita. Durante a visita, puderam ver como é um gabinete de dentista e todos os instrumentos que este tem à sua disposição.”

(Anexo I – Notas de Campo - 64ª nota de campo)

Foi importante, para mim, perceber que a comunicação que existia entre as famílias e a instituição de estágio foi bastante importante para o desenvolvimento destes projetos. Com a ajuda das famílias, conseguimos levar as crianças a verem como eram os gabinetes dos dentistas e a terem uma experiência bastante diferente daquilo a que estavam habituadas.

No dia 14/02/2017 iniciaram-se os preparativos para o carnaval

“Em grupos de três, foram colocando tiras de jornal com cola por cima do balão para fazer as cabeças dos golfinhos.”

(Anexo I – Notas de Campo – 63ª nota de campo)

Enquanto uns me ajudavam a pintar as cabeças dos golfinhos, outros brincavam, mas sem se aproximarem da zona onde estava a educadora a fazer o forro dos fatos. Depois de recortado o plástico com a forma de golfinho, a educadora esteve depois do almoço a recortar sacos de plástico preto para colocar entre dois pedaços de plástico cinzento, como se fosse um forro. Futuramente, esse espaço entre o forro preto e o plástico cinzento será preenchido por dracalon (Anexo I – Notas de Campo – 66ª nota de campo).

Até ao dia 24/02, sempre que era possível estávamos dedicados a terminar todos os pequenos detalhes para o desfile. As crianças da Sala Vermelha iriam participar em conjunto com as crianças das Salas Rosa e Verde. Estes momentos de partilha e de interação entre toda a comunidade da instituição, eram bastante importantes para fazer com que as crianças tivessem a capacidade de se relacionar com os outros, como indiquei nesta nota de campo:

“(…) depois de vestirem os casacos, para irem ensaiar com as crianças da Sala Verde e Sala Cor-de-Rosa, o que tinham de realizar no desfile de carnaval (…)” (Anexo I - Notas de Campo – 67ª nota de campo)

Atuaram no dia 24/02 na Feira Internacional de Lisboa – FIL – sob o tema de “Vamos Salvar os Oceanos”. As crianças da Sala Vermelha foram vestidas de golfinhos, na Sala Rosa divididos em crianças que estavam na praia e tartarugas dentro de água e, por fim, as crianças da Sala Verde foram de mergulhadores que iriam salvar os animais atrás referidos.

Imagem 10 – Fatos de Carnaval das crianças da Sala Vermelha (2016-2017)



No dia 06/03/2017 iniciou-se a preparação do Dia do Pai. Começámos por fazer experiências com gesso para ver se seria possível fazer uma espécie de massa consistente para fazer moldes das mãos dos pais a darem as mãos aos filhos.

“Ao regressarmos à sala, depois do almoço, começámos a fazer experiências com gesso para ver se se conseguia fazer a forma da mão para entregar como prenda aos pais no Dia do Pai.” (Anexo I – Notas de Campo – 73ª nota de campo)

Para além destas experiências, as crianças fizeram, individualmente, postais para depois entregarem aos pais. Assim, no dia 20/03/2017 deu-se a celebração do Dia do Pai. Todos os pais dirigiram-se à Sala Vermelha para realizarem um *workshop* de ciências com os filhos.

“Perto das 17h, os pais das crianças começaram a chegar para o workshop de ciências que tinham à sua espera. Em cada mesa havia uma experiência que fizeram com os seus filhos que estavam com as suas batas de cientistas.” (Anexo I – Notas de Campo – 75ª nota de campo)

Para Folque, é importante esta interação permanente com outras figuras que não sejam aquelas que partilham, diariamente, o espaço da escola com as crianças. Todos eles ficaram bastante entusiasmados com a presença dos pais na sala, procuravam ser eles a ir buscar tudo o que precisavam para as experiências, a explicá-las aos pais (uma vez que se tratava de experiências que já tinham realizado).

Esta circunstância fazia com que existisse uma forte ligação com a comunidade, porque não só estavam a ajudar os seus próprios pais, como ainda auxiliavam os pais dos amigos. Desta forma, faz-se com que “as crianças multiplicam as suas fontes de informação, e têm oportunidades de nela intervir, na procura e resolução de problemas” (Folque, 2006, pág. 6).

Ao longo do tempo, as crianças na Sala Vermelha dedicaram-se às mais variadas atividades, até que no dia 07/04/2017, depois de um dos meninos trazer uma torre Eiffel em miniatura, iniciou-se projeto da torre Eiffel. A educadora aproveitou o momento para dividir as crianças na sala, já que alguns lhe começavam a pedir para fazer o projeto dos ecopontos comigo.

Um dos meninos trouxe uma torre Eiffel em miniatura e queria fazer um projeto sobre isso. A educadora aproveitou o momento para lhes perguntar se queriam saber para onde vai o lixo (...). A educadora aproveitou esse momento para me entregar uma folha de planificação de projeto para fazer com aqueles que queriam explorar o tema ‘Para onde vai o lixo?’. Juntei-me a algumas das crianças que começaram a questionar-me sobre aquele tema.” (Anexo I – Notas de Campo – 77ª nota de campo)

A partir de então, as atividades andaram em torno da preparação destes dois projetos, sendo que as crianças começaram a demonstrar grande interesse pelas borboletas. Assim, iniciou-se um terceiro projeto, todo ele em torno das borboletas. As crianças desenvolveram atividades sobre o ciclo de vida das borboletas, vendo vídeos ilustrativos deste processo.

Imagem 11 – Trabalho sobre o projeto das borboletas (2016-2017)



No dia 26/04/2017, aproveitando o facto de a educadora estar de férias durante a semana e de ter deixado uma planificação semanal, dei início ao meu projeto, através da construção do ecoponto com as crianças que quiseram participar. Depois de recolher, com eles, o material de que iríamos precisar, dividi-os em três grupos para trabalharem sobre os três ecopontos.

As crianças começaram por colocar nas várias folhas coloridas aquilo que podiam ou não reciclar. Enquanto eles faziam isto, comecei por preparar o cartão para fazer o ecoponto. Eles terminaram a atividade e passaram logo a ajudar-me. Continuaram divididos pelos mesmos grupos, pintando as diferentes partes do ecoponto com as cores que lhes correspondia, sempre revelando interesse:

“Notei que, desde o primeiro momento em que lhes comecei a falar da atividade, demonstraram estar com bastante interesse e estavam participativos.” (Anexo I – Notas de Campo – 78ª nota de campo)

Nesta atividade, reparei que as crianças estavam bastante empenhadas naquilo que estavam a fazer, pedindo logo de seguida para fazer um outro ecoponto para colocar noutro lado da creche.

Imagem 12 – Resultado Final dos Ecopontos (2016-2017)



Na semana seguinte, deu-se a preparação do Dia da Mãe. As crianças começaram por fazer postais para entregar às mães, seguindo o tema das obras de arte que escolheram em reunião. Cada um fez o postal como quis, colocando uma mensagem no interior.

“Durante a primeira semana, estive apenas com a educadora e dedicamo-nos à conceção dos postais para entregar às mães, com as crianças de cinco anos (...). Na segunda semana, eu e a auxiliar dedicamo-nos a terminar os retratos das mães e a fazer os postais com as crianças de três anos.” (Anexo I – Notas de Campo – 78ª nota de campo)

As crianças pintaram, ainda, uma tela para entregarem de prenda às mães.

No dia 08/05, à semelhança do que aconteceu no Dia do Pai, as mães foram à sala para participarem no *workshop* de artes preparado para a tarde daquele dia. Em toda a sala, haviam várias mesas com diferentes pintores e obras de arte que as crianças queriam representar com as mães.

“Em cada mesa havia um pintor com uma obra sua a acompanhar e, crianças e mães, tinham de fazer a sua representação das mesmas de forma livre.” (Anexo I – Notas de Campo – 79ª nota de campo)

Foi mais um momento em que as crianças conseguiram estar em contato com os pais, no seu ambiente quotidiano, onde puderam exprimir-se e orientar o trabalho como se eles fossem os professores das mães.

Imagem 13 – Exposição de trabalhos do Dia da Mãe (2016-2017)



Na última semana do meu estágio houve, ainda, tempo para uma ida ao Borboletário de Cascais, onde as crianças tiveram a oportunidade de ver as borboletas em todas as fases da sua vida, tal como tinham aprendido/explorado no projeto das borboletas na Sala Vermelha.

Ao longo do meu estágio, as crianças tiveram vários momentos em que saíram da sala para terem contato com a comunidade e com diferentes realidades. Foram ao teatro ver “A Pequena Sereia”. A educadora procurou levá-los aos jardins da zona envolvente para verem as folhas que caíam no outono ou os pequenos bichos que andavam pela natureza ou, por exemplo, ao centro comercial para fazerem as compras para a receita que queriam fazer.

Procurei destacar as várias atividades e projetos que a Sala Vermelha realizou, por achar que se tratou do aspeto mais relevante que desenvolvi na instituição. Foi visível que a equipa pedagógica procurava seguir os conceitos teóricos que definem o MEM. Esta situação mostrou-me que era possível educar crianças de forma diferente daquela que eu conhecia.

7. Projeto - Creche a Reciclar

O projeto que planeei para a Sala Vermelha da Creche & Aparece surgiu depois de, em conjunto com a educadora, perceber qual a temática que ainda não tinha sido abordada pelas crianças e do interesse manifestado pelas mesmas. Uma vez que a educadora já conhecia as crianças de cinco anos desde que estavam na Sala Verde (quando tinham três anos), mencionou que ainda não tinha tido a oportunidade de abordar o tema da reciclagem. Com as observações que fiz do local e daquilo que as crianças iam fazendo, percebi que essa temática não tinha sido pensada e que não existia sequer ecopontos na sala ou noutro espaço da Creche & Aparece.

Desta forma, comecei a pesquisar informação sobre o tema para, depois, elaborar o seguinte plano de atividades.

7.1. As Atividades

7.1.1. Vamos todos Reciclar!

Com esta atividade as crianças têm a oportunidade de ficar a saber que existem diferentes tipos ecopontos e aquilo que se deve colocar em cada um deles. Uma vez que não existem ecopontos na Creche & Aparece, as crianças passam a ter um ponto de referência para quando quiserem fazer a separação do lixo na sala.

Tabela 5 – Vamos todos Reciclar!

Objetivos	<ul style="list-style-type: none">• Alertar a criança para a necessidade da reciclagem, tendo em conta a prevenção do meio ambiente;• Promover hábitos de reciclagem, separando devidamente os mais variados tipos de lixo;• Familiarizar a criança com a regra dos três R's: Reciclar, Reduzir e Reutilizar.• Facilitar o reconhecimento dos tipos de lixo prejudiciais ao meio ambiente;
-----------	---

	<ul style="list-style-type: none"> Promover a participação e o envolvimento da comunidade escolar no projeto.
Público-alvo	Crianças da Sala Vermelha e, possivelmente, a comunidade escolar
Duração	Um/dois dias
Local	Sala Vermelha
Estratégias Pedagógicas	<p>Criação de quatro ecopontos: o papelão (ecoponto azul), o vidrão (ecoponto verde), o embalão (ecoponto amarelo) e pilhão (ecoponto vermelho). Construção, durante a manhã de um dia da semana dos quatro ecopontos.</p> <p>Precisaremos da ajuda das crianças para, em pequenos grupos, pintarem com as devidas cores os diferentes ecopontos previamente estruturados. No momento de se decidirem os grupos, pergunta-se se sabem para que servem os ecopontos e, se houver respostas negativas, teremos de explicar-lhes. Se as respostas forem positivas, pedimos que eles expliquem para que serve cada um. Neste momento é importante, também, mencionar a regra dos três R's, dando exemplos práticos do que cada R significa.</p> <p>Vão ser desenhadas as letras que constituem os nomes dos ecopontos, para que os meninos as possam pintar também.</p> <p>Depois de os ecopontos terem tempo de secar e estarem forrados com um saco de plástico, haverá a oportunidade de, um a um, os meninos reciclarem o lixo previamente recolhido, percebendo-se assim se sabem como reciclar.</p>
Recursos Materiais	<ul style="list-style-type: none"> Cartão Sacos de plástico Tintas e pincéis

	<ul style="list-style-type: none"> • Lixo • Imagens do que se pode e não se pode colocar nos ecopontos
Recursos Humanos	<ul style="list-style-type: none"> • Educadora • Auxiliar • Estagiária

7.1.2. Recolhe tampas e ajuda!

Ao recolher tampas, as crianças vão ter uma oportunidade para estarem alertas para a questão da ajuda através de simples ações. É, também, uma forma de lhes transmitir a ideia de que, não indo para os ecopontos, o lixo pode ainda ter outro tipo de utilidade. Assim, desta forma, as crianças podem fazer parte de um processo de ajuda, algo que a Creche & Aparece também procura ajudar outras instituições.

Tabela 6 – Recolhe tampas e ajuda!

Objetivos	<ul style="list-style-type: none"> • Alertar a criança para a necessidade da reutilização dos materiais (neste caso, tampas de plástico); • Transmitir formas de ajuda a pessoas/instituições que precisem, através da reutilização de materiais; • Familiarizar a criança com a regra dos três R's: Reciclar, Reduzir e Reutilizar; • Promover a participação e envolvimento da comunidade escolar e famílias.
Público-alvo	Crianças da Sala Vermelha, comunidade escolar e famílias.
Duração	Janeiro 2017 – Maio 2017
Local	Sala vermelha
Estratégias Pedagógicas	Deverá existir, a partir de Janeiro de 2017 na Creche & Aparece (ou na Sala Vermelha) um local próprio para se depositarem as tampas de plástico.

	<p>Pretendo que toda a comunidade da Creche & Aparece participe nesta recolha, mas se não for possível, gostava de fazer com que a Sala Vermelha tenha esta atividade em prática.</p> <p>Deverá existir a preocupação de relembrar no final de cada dia/semana os meninos que devem trazer tampas para poderem ajudar outros meninos, explicando que todas as tampinhas que recolherem serão entregues no Hospital D. Estefânia, para ajudar a que esta entidade tenha mais equipamentos médicos para salvar vidas.</p>
Recursos Materiais	<ul style="list-style-type: none"> • Caixa de cartão ou saco de plástico
Recursos Humanos	<ul style="list-style-type: none"> • Estagiária

7.1.3. Profissões recicladas

Nesta atividade, as crianças podem ter a oportunidade de escolher as profissões que querem, sejam estas as dos pais, as que ambicionam ter no futuro ou uma outra qualquer à sua escola. Na área do faz de conta ou na área da casinha, existente na Sala Vermelha, as crianças procuram fazer representações daquilo que existe no mundo, assumindo muitas vezes profissões. Desta forma, podem ter contato com as mais diversas profissões que existem no mundo que os rodeia.

Tabela 7 – Profissões recicladas

Objetivos	<ul style="list-style-type: none"> • Alertar a criança para a necessidade da reutilização de materiais; • Familiarizar a criança com a regra dos três R's: Reciclar, Reduzir e Reutilizar; • Promover a criatividade das crianças.
Público-alvo	Crianças da Sala Vermelha
Duração	Um dia
Local	Sala Vermelha

<p>Estratégias Pedagógicas</p>	<p>Deverá alertar-se as crianças, uma semana antes da realização desta atividade, para trazerem para a sala rolos de papel higiênico (pelo menos três por cada menino) sem papel.</p> <p>Para a realização da atividade, cada um deve ter os seus rolos de papel higiênico consigo e, um a um, escolher qual(quais) profissão(ões) que querem representar no rolo.</p> <p>Deverão visualizar o rolo como se fosse a sua pequena tela para desenharem o corpo da pessoa que querem representar. De seguida, com lã, papel colorido ou folhas de papel, devem formar as restantes partes do corpo: cabelo, braços, mãos e pés. Devemos abordar a questão dos três R's, para que compreender se conseguem saber qual dos R's estão a praticar (reutilizar).</p>
<p>Recursos Materiais</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Rolos de papel higiênico; • Lã; • Folhas de papel colorido; • Folhas brancas; • Cola; • Tesouras; • Lápis de cor; • Canetas de feltro.
<p>Recursos Humanos</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Educadora • Auxiliar • Estagiária

7.1.4. Máscara-reciclagem

Antes do Carnaval, as crianças procuram fazer máscaras para utilizarem na sala. Esta atividade surge com o propósito de trabalhar com materiais que não estão

habitualmente associadas à construção de máscaras. Assim, por altura do Carnaval as crianças vão poder fazer as suas próprias máscaras, de forma original e sustentável, já que não utilizam folhas de papel e, assim, reduzem o consumo de folhas na sala.

Tabela 8 – Máscara-reciclagem

Objetivos	<ul style="list-style-type: none"> • Alertar a criança para a necessidade da recuperação daquilo que considerariam lixo; • Promover hábitos de reutilização de materiais; • Familiarizar a criança com a regra dos três R's: Reciclar, Reduzir e Reutilizar.
Público-alvo	Crianças da Sala Vermelha e, possivelmente, a comunidade escolar.
Duração	Um/dois dias
Local	Sala Vermelha
Estratégias Pedagógicas	<p>Deverá recolher-se alguns pacotes de leite e “desmontá-los”, juntando, depois, os meninos e questionando-os se querem ter as suas próprias máscaras de Carnaval.</p> <p>Para a realização das máscaras é necessário desenhar a forma da cara de cada menino num dos versos do pacote de leite, bem como o lugar dos olhos, nariz e boca.</p> <p>Depois de recortado, devemos dar a liberdade aos meninos para que desenhem aquilo de que querem mascarar-se a lápis de carvão e/ou caneta de feltro preta. Por fim, devem pintar a máscara com tintas para que se consiga ver bem as suas cores.</p> <p>Para finalizar as máscaras, devem fazer-se dois furos, na máscara junto da área das orelhas dos meninos para que se possa colocar um fio elástico, de forma a prender a máscara na cabeça do menino.</p>
Recursos Materiais	<ul style="list-style-type: none"> • Pacotes de leite;

	<ul style="list-style-type: none"> • Tintas; • Lápis de carvão; • Canetas de feltro; • Fio elástico; • Tesoura.
Recursos Humanos	<ul style="list-style-type: none"> • Educadora • Auxiliar • Estagiária

7.1.5. Reciclem connosco!

Na Creche & Aparece, as salas de jardim de infância procuram manter relações próximas, sendo que, quando alguma sala prepara um projeto que pode ser do interesse de todos, preparam apresentações para exporem o seu projeto. Assim, sendo a reciclagem o tema deste projeto e algo que não está muito enraizado na instituição, as crianças da Sala Vermelha preparam uma apresentação para as duas salas do jardim de infância, para transmitirem aos colegas aquilo que aprenderam com o projeto.

Tabela 9 – Reciclem connosco!

Objetivos	<ul style="list-style-type: none"> • Alertar a comunidade escolar para a necessidade de reciclar; • Promover a interação entre salas; • Estimular a comunicação das crianças.
Público-alvo	Crianças da Sala Vermelha e comunidade escolar
Duração	Uma manhã ou uma tarde
Local	Sala Verde e Sala Rosa
Estratégias Pedagógicas	Devemos ter os ecopontos construídos para a realização desta atividade. Combinamos com as educadoras da Sala Rosa e da Sala Verde (salas de jardim-de-infância) um dia em que possamos ir até às salas para fazer uma demonstração de como se recicla.

	<p>Devemos juntar algum lixo (será possível indo à copa e pedindo que separem, por exemplo, caixas de iogurte, embalagens, etc.) levando o saco para as salas com os ecopontos.</p> <p>Separamos as crianças em grupos, colocando-as nos respectivos ecopontos e, um a um, vão pegando num objeto para colocar no devido ecoponto.</p> <p>Como auxílio a esta atividade, devem ser preparados três cartazes (com as crianças divididas em grupos) que indiquem como se recicla os diferentes tipos de lixo. Um dos cartazes ficará na sala, os dois outros serão entregues nas salas que se visita.</p>
Recursos Materiais	<ul style="list-style-type: none"> • Ecopontos • Lixo • Cartazes (cartolinas)
Recursos Humanos	<ul style="list-style-type: none"> • Educadora • Auxiliar • Estagiária

7.1.6. Vamos fazer os nossos instrumentos musicais!

Pensando exclusivamente nas crianças de três anos, surge a atividade da criação de instrumentos musicais com materiais pouco convencionais. Assim, com ajuda, as crianças podem escolher aquilo que querem colocar dentro dos seus recipientes para fazer o som que, depois de fechado, irá emanar do seu instrumento musical. Se as crianças de cinco e seis anos se mostrarem interessadas nas atividades, será um bom momento para se dar uma situação de entreajuda e colaboração entre todos.

Tabela 10 – Vamos fazer os nossos instrumentos musicais!

Objetivos	<ul style="list-style-type: none"> • Estimular o sentido da audição; • Promover a utilização de materiais reutilizados;
-----------	---

	<ul style="list-style-type: none"> • Estimular a motricidade fina
Público-alvo	Crianças da Sala Vermelha com três anos
Duração	Uma manhã
Local	Sala Vermelha
Estratégias Pedagógicas	<p>Devemos juntar as crianças com três anos da Sala Vermelha, para também elas terem contato com as novas utilidades que se podem dar a materiais reciclados.</p> <p>Juntamos materiais, como caixas de iogurte, pedras pequenas ou massa partida aos bocados, para conseguir construir instrumentos musicas – maracas.</p>
Recursos Materiais	<ul style="list-style-type: none"> • Caixas de iogurte • Pedras pequenas • Massa • Arroz • Grão
Recursos Humanos	<ul style="list-style-type: none"> • Educadora • Auxiliar • Estagiária

7.1.7. Fichas de Reciclagem

Pensando no momento em que as crianças de três anos fazem a sesta, estas fichas de atividades surgem para as crianças de cinco e seis anos consolidarem a informação que tiveram a oportunidade de conhecer.

Tabela 11 – Fichas de Reciclagem

Objetivos	<ul style="list-style-type: none"> • Consolidar conhecimentos adquiridos; • Associar o ecoponto ao tipo de lixo;
Público-alvo	Crianças da Sala Vermelha com cinco anos
Duração	Uma manhã ou tarde
Local	Sala Vermelha

Estratégias Pedagógicas	De forma a consolidar o conhecimento adquirido, a criança deve associar os vários tipos de lixo ao ecoponto correspondente.
Recursos Materiais	<ul style="list-style-type: none"> • Ficha de Atividade
Recursos Humanos	<ul style="list-style-type: none"> • Estagiária

Ficha de Atividade

Separa o lixo, colocando-os no ecoponto correto:



Ficha de Atividade

Recorta e cola aquilo que consideras que se deve colocar em cada ecoponto

Ecoponto Azul	Ecoponto Verde	Ecoponto Amarelo	Ecoponto Vermelho

Nome: _____ Data: _____

7.1.8. Visita a Ecopontos

Como forma de consolidar os conhecimentos, as crianças têm a oportunidade de se dirigir ao exterior para verem no ambiente que os rodeia os ecopontos reais, a informação que está apresentada neles e fazer a separação de algum lixo. Com esta atividade, não só estão a consolidar a informação, como ainda se reforça o papel ativo das crianças para o meio ambiente.

Tabela 12 – Visita a Ecopontos

Objetivos	<ul style="list-style-type: none">• Reconhecer os ecopontos no quotidiano;• Separar devidamente o lixo.
Público-alvo	Crianças da Sala Vermelha
Duração	Uma manhã
Local	Exterior
Estratégias Pedagógicas	Depois de recolhido algum lixo junto da copa, devemos sair com as crianças para ir aos ecopontos mais próximos da Creche & Aparece. Devem ser as crianças a alertar quando estivermos perante os ecopontos, sendo elas a fazerem a separação do lixo.
Recursos Materiais	<ul style="list-style-type: none">• Lixo
Recursos Humanos	<ul style="list-style-type: none">• Educadora• Auxiliar• Estagiária

Com este capítulo, procurei destacar os vários projetos que foram desenvolvidos na Sala Vermelha da Creche & Aparece e o projeto que eu própria criei. Os projetos e as atividades desenvolvidas na sala, foram a base do que foi acontecendo ao longo do meu estágio na Creche & Aparece. As crianças, ao pedirem um projeto, conseguem ter um papel importante na tomada de decisões na sala, o que lhes dá confiança para tomarem decisões fora dela.

Reflexões sobre as Aprendizagens Desenvolvidas

Ao longo de oito meses de estágio, foram vários os momentos que poderia destacar como aqueles que podem ser considerados acontecimentos chave. Tendo em consideração que comecei por descrever o meu estágio em três grandes partes, posso estruturar, também, esta reflexão de acordo com essas partes.

Ao dedicar-me, inicialmente, apenas a observações do espaço em que fui inserida, considero que este tenha sido o momento mais importante para compreender as rotinas da Sala Vermelha, para ficar a conhecer as crianças que nela estavam inseridas e para começar a criar alguma ligação com a educadora e a auxiliar. Com as observações, foi fácil compreender alguns dos aspetos mais importantes do MEM, seja na cooperação que existia entre as crianças mais velhas para com as mais novas, no espaço democrático que era a Sala Vermelha, onde educadora e auxiliar ouviam os pedidos das crianças, tentando sempre fazer com que todos fossem concretizados. A comunicação estava presente em todo o dia na Sala Vermelha, fosse nas exposições da educadora e da auxiliar, fosse nos momentos em que as crianças tudo faziam para se mostrarem atentas àquilo que lhes era perguntado.

Ao começar a entregar-me às atividades que eram desenvolvidas na sala, comecei a entrar mais no ritmo que a sala por si só já tinha. Considero que este tempo foi bastante importante para compreender melhor certos aspetos da planificação das atividades que eram desenvolvidas, como é que a educadora conseguia pensá-las de forma sequencial e lógica, incluindo todos os pequenos projetos que as crianças lhe iam pedindo. Foi um processo extenuante, que se tornou complicado por vezes, mas que compensou por toda a experiência que consegui reter. Não só consegui desenvolver atividades com as crianças que eu própria pensei ou que já tinha visto a educadora a aplicar, como ganhei autonomia para ficar com as crianças sozinha.

A partir do momento em que o meu projeto foi aceite pela educadora da sala, tudo se começou a preparar para o conceber. Percebi, então, que iria começar uma nova etapa do meu trabalho. Não considero que tenha sido a melhor parte, uma vez que as atividades que tinha para realizar não foram levadas a cabo por falta de tempo. O tempo foi um fator que levou a não conseguir realizar todas as atividades, mas, também, o fato de haver vários momentos de adaptação de novas crianças à sala levou a que não fosse possível efetuar o que tinha planeado.

Considero que, ao longo de oito meses de estágio, o meu percurso teve altos e baixos, momentos em que senti que não iria conseguir chegar ao fim. Mas retiro desta experiência as melhores recordações. Este estágio foi o culminar de cinco anos intensos de faculdade. Inicialmente, cheguei ao estágio com a ideia de que iria conseguir apresentar todas as minhas atividades e aplicá-las de forma fácil e gradual. Mas depressa percebi que isso seria impossível, que iria ser complicado ter um plano tão estruturado quando a própria planificação da sala era, toda ela, bastante flexível.

Foram cinco anos de faculdade nos quais aprendi com grandes professores o que o universo da educação nos pode transmitir. Cinco anos onde evolui enquanto pessoa e me formei enquanto profissional de educação. Por muitos anos, sempre sonhei ser educadora de infância e, ao chegar ao curso de Ciências da Educação, senti que não era o meu curso. Revoltada, tentei ao máximo aplicar-me porque tinha conseguido uma oportunidade de vingar em mais uma fase académica. E consegui. Ao fim de três anos terminei a minha licenciatura e preparo-me, hoje, para terminar o mestrado.

O caminho não foi fácil, lembro-me do primeiro dia em que entrei no Instituto de Educação da Universidade de Lisboa e pensar para comigo “não é isto que eu quero”. Não era, mas passou a ser. Passei a ser feliz a pensar que poderia trabalhar na área da educação de uma outra forma. Percebi mais tarde que poderia continuar a trabalhar com crianças de uma outra forma. Nos mais variados trabalhos de campo que realizei ao longo da licenciatura em Ciências da Educação, procurei trabalhar sempre com e para as crianças. Tentarei que sejam elas o público com que irei trabalhar no futuro.

Foi, por isso que para realizar o meu estágio, procurei trabalhar com crianças. Talvez devido ao meu grande desejo de ser educadora de infância, estas minhas escolhas foram todas muito ponderadas e não me arrependo de as ter feito. Sei que, ao ter escolhido trabalhar com crianças, coloquei de parte a ideia de tentar uma nova licenciatura em Educação Básica. Depressa percebi que talvez não fosse aguentar toda a pressão de corresponder a expectativas de pais, famílias e crianças que iriam depender de mim. Sei que, com o meu curso, também terei de responder a expectativas, mas a pressão poderá não ser tão grande.

Ao longo de cinco anos de faculdade, sinto que neste último ano foi onde me consegui assumir enquanto profissional de educação. De certa forma, comecei a realizar um trabalho que, no futuro, poderá ser o que farei no dia-a-dia. Realizar um projeto para crianças, pensado em tudo o que as rodeia e no sítio em que estão inseridas, deu-me a confiança para que, no futuro, consiga estar a desenvolver projetos a um nível superior.

A abranger mais crianças, adultos e seniores. Porque, no futuro, vou querer trabalhar com todos.

Sinto que, vou terminar a minha fase académica, da melhor forma. Com uma vontade enorme de ingressar no mundo do trabalho, capaz de o enfrentar e sem receios dos desafios que terei pela frente.

Considerações Finais

Com este trabalho, propus-me a explorar três grandes temáticas: o MEM, o desenvolvimento sustentável e a reciclagem. Desta forma, com o aprofundamento de conhecimentos sobre o MEM, pretendi, também, consolidar informação que conseguia observar na Creche & Aparece. Para o efeito, é de destacar a inovação pedagógica que o MEM propõe, ao permitir, de forma mais espontânea, a comunicação, a democracia e a cooperação entre todos os agentes da comunidade escolar. Estando a observar um modelo pedagógico diferente, foi importante compreender todos os pressupostos teóricos que este modelo pressupõe. Assim, compreendi que o fato de as crianças procurarem ajudar-se entre si, de terem voz própria para exporem as suas questões e os seus sentimentos e tomarem decisões de forma unanime, vai de encontro com os três pilares do MEM: a comunicação, a democracia e a cooperação.

Com as observações participantes que foram realizadas ao longo de todo o trabalho, a organização do espaço e do tempo, foram conceitos do MEM de que me apropriei ao longo do tempo de estágio. A partir das observações consegui perceber que a rotina pode ser flexível, que a organização do espaço vai de encontro às necessidades das crianças e/ou dos educadores para a realização de atividades.

Ao trabalhar as questões do desenvolvimento sustentável e da reciclagem, tentei responder às minhas necessidades para trabalhar com o tema do projeto. Ao pesquisar sobre o desenvolvimento sustentável, tornou-se perceptível a preocupação que existe com este tema ao transmitir valores para o pensamento das gerações do futuro, em fazer com que nas escolas se torne um tema presente em vários momentos de aprendizagem, como nos dizem as OCEPE ao considerar as questões ambientais como fundamentais para o currículo do pré-escolar. Com a reciclagem, recolhi a informação mais resumida e concreta para conseguir programar as atividades que compõem este trabalho. Procurei, assim, definir estes dois grandes temas de acordo com os pensamentos sobre as gerações do futuro.

Apresentei, também, algumas orientações para o currículo relativamente a estes dois temas e qual o papel da educação no desenvolvimento sustentável. A procura de respostas a esta temática, teve influência do que ia vivendo no decorrer do trabalho de campo. Uma vez que fazia parte do currículo e do projeto da sala, as atividades dedicadas às ciências, a falta da abordagem à problemática da reciclagem, levou-me a questionar se existiria, ou não, orientações neste sentido. Com uma recolha de literatura, foi perceptível

que sim, as orientações existem mas, muitas vezes por falta de tempo, nem sempre todas as temáticas são abordadas.

As oito atividades planeadas, fazem parte do projeto criado e podem servir de base para a implementação de projetos idênticos, com a mesma temática e/ou com a adaptação aos mais diferentes tipos de público. Com este trabalho, propus-me a fazer este projeto de forma a colmatar uma lacuna presente no local onde decorreu o estágio, acabando por acontecer ao mesmo tempo que as crianças se mostravam sensíveis para abordar este tema num futuro projeto.

Referências Bibliográficas

Albarelo, L. (1997), *Práticas e Métodos de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva.

Alderson, P. (2005). As crianças como pesquisadoras: os efeitos dos direitos de participação sobre a metodologia de pesquisa. *Educação Social*. Nº 91, vol. 26. pp. 419-442.

Barbier, J. M. (1996). *Elaboração de Projectos de Acção e Planificação*. Porto: Porto Editora.

Bohac, K (2014). *O Movimento da Escola Moderna como Prática da Liberdade: O Desenvolvimento da Autonomia da Criança no Jardim-de-Infância*. Dissertação de Mestrado em Ciências da Educação. Porto: Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação – Universidade do Porto.

Constantino, M. & Santos, J. C. (2013). Educação ambiental e sustentabilidade. *Nativa: Revista de Ciências Sociais do Norte de Mato Grosso*. vol. 1, nº2, pp. 1-11.

Estrela, A (1984) *Teoria e Prática de Observação de Classes*. Porto: Porto Editora

Folque, M. A. (2006). A influência de Vigotsky no modelo curricular do Movimento da Escola Moderna para a educação pré-escolar. *Escola Moderna*, nº 5, 5ª série, pp. 5-12.

Folque, M. A. (2014) *O Aprender a Aprender no Pré-Escolar: O Modelo Pedagógico do Movimento da Escola Moderna*. Fundação Calouste Gulbenkian. Lisboa.

Formosinho, O. J. (Org.) (1996). *Modelos Curriculares para a Educação de Infância*. Porto: Porto Editora.

Fonseca, L. H. F. (2013). Reciclagem: o primeiro passo para a preservação ambiental. *Revista Científica Semana Acadêmica*, nº 000036, ano MMXIII, s/p.

Galvão, C. (Coord.), Neves, A., Freire, A. M., Lopes, A. M., Santos, M. C., Vilela, M. C., Oliveira, M. T. & Pereira, M. (2002). *Ciências Físicas e Naturais. Orientações Curriculares para o 3º ciclo do Ensino Básico*. Lisboa: Ministério da Educação, Departamento da Educação Básica.

Guerra, I. (2002). *Fundamentos e Processos de uma Sociologia de Acção. O Planeamento em Ciências Sociais*. Cascais: Publicações Universitárias e Científicas, Principia.

Hernández, F. & Ventura, M. (1998) *A Organização do Currículo por Projetos de Trabalho: O Conhecimento é um Caleidoscópio*. Porto Alegre: Artes Médicas.

Jacobi, P. (2003) Educação ambiental, cidadania e sustentabilidade. *Cadernos de Pesquisa*. Nº 118, pp. 189-205.

Katz, L. & Chard, S. (2009). *A Abordagem de Projecto na Educação de Infância*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Leandro, M. E. (2008) Movimento da Escola Moderna. *Jornadas Pedagógicas – Modelos Pedagógicos na Educação de Infância*. Lisboa.

Leite, E., Malpique, M., & Santos, M. (1990). *Trabalho de Projeto: 1. Aprender por Projetos Centrados em Problemas*. Porto: Edições Afrontamento.

LIPOR (2009) *Guião para uma Gestão Sustentável dos Resíduos*. Santa Maria da Feira: Rainho e Neves Lda.

Marques, V. S. (2012) Enquadramento da EDS In: Conselho Nacional de Educação (2012) *Educação para o desenvolvimento sustentável* (p, 103-110) Lisboa: Editorial do Ministério da Educação e Ciência.

Meadows, D. L., Meadows, D. H., Randers, J. & Behrens, W. W. (1972). *Limites do crescimento. Um Relatório para o Projeto do Clube de Roma sobre o Dilema da Humanidade*. São Paulo: Perspectiva.

Ministério da Educação (1997), *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. (Vol. 1). Lisboa: Editorial Ministério da Educação.

Ministério da Educação (2006). *Educação para a Cidadania: Guião de Educação para a Sustentabilidade – Carta da Terra*. Lisboa: Tipografia Jerónimus.

Niza, S. (1991). O Diário de Turma e o Conselho, *Escola Moderna*, 1 (3ª série), pp. 27-30

Organização das Nações Unidas (2016). *Transformar o nosso Mundo: Agenda 2030 de Desenvolvimento Sustentável*. Nova Iorque: Organização das Nações Unidas.

Sousa, D., Matos, L., Araújo, M. & Lima, E. (2016), *A importância da reciclagem do papel na melhoria da qualidade do meio ambiente*. XXV Encontro Nacional de Engenharia de Produção (p. 1-16). Porto Alegre.

Sachs, I (1976). Environment and styles of development. In: Matthews (org.) *Outer Limits and Human Needs. Resources and Environmental Issues on Development Strategies*. Uppsala, Dag-Hammarö Foundation.

Schmidt, L. (2012) Ensaio para a aplicação da Década EDS em Portugal. In: Conselho Nacional de Educação (2012), *Educação para o desenvolvimento sustentável* (p. 57-76) Lisboa: Editorial do Ministério da Educação e Ciência.

Silva, I. L. (Coord.), Marques, L.; Mata, L. & Rosa, M. (2016) *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Lisboa: Ministério da Educação, Direção Geral da Educação.

Sorrentino, M. (1998). De Tbilisi a Tessaloniki. A educação ambiental no Brasil. In: Jacobi, P. et al. (Org.) *Educação, Meio Ambiente e Cidadania: Reflexões e Experiências*. pp. 27-32. São Paulo: Secretaria do Meio Ambiente.

Vieira, F. (2007) O Diário de Turma como instrumento curricular para a construção social da moralidade: os juízos sociais de crianças e adultos sobre incidentes negativos da vida em grupo. *Nuances: Estudos sobre Educação*. Ano XIII, v. 14. (s/p)

Sites consultados:

PORDATA – Resíduos urbanos recolhidos seletivamente ou reciclados. Disponível em [http://www.pordata.pt/Portugal/Res%C3%ADduos+urbanos+recolhidos+selectivamente+ou+reciclados+\(percentagem\)-1228](http://www.pordata.pt/Portugal/Res%C3%ADduos+urbanos+recolhidos+selectivamente+ou+reciclados+(percentagem)-1228) Consultado a: 29 de outubro de 2016

Movimento da Escola Moderna – Apresentação/Caraterização. Disponível em: http://centrorecursos.movimentoescolamoderna.pt/dt/1_2_0_mod_pedag_mem/120_a_0_7_apresent_modelo_mem.pdf Consultado a: 21 de dezembro de 2016